DOCUMENTOS

Sobre o Trabalho de Propaganda

Um Congresso Histórico

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «Textos Maria da Fonte»

Série A:

1 — Trotsky e o Trotskismo — Vários
(fora do mercado)

2 — Marx e os Sindicatos — A. Losowski

Série B:

1 — A Metade do Céu — Claudie Broyelle

Colecção «Textos Marte»

1 — Arte e Ciência da Guerra — Clausewitz

Colecção «Textos Confronto»

1 — Um Mundo Melhor — Jean Baby
(fora do mercado)

A sair:

A INTELIGÊNCIA NO PODER — Michelle Loi

Sobre o Trabalho de Propaganda

Um Congresso Histórico

Colecção «DOCUMENTOS»

Dirigida por: Manuel Quirós

Tradução, prefácio e notas: José Varela
Editor: Maria Isabel Pinto Ventura
Capa: Maria José Sacadura

SOBRE O TRABALHO DE PROPAGANDA

Mao Tsé-tung

UM CONGRESSO HISTÓRICO

Chou En-lai e Wang Hong-wen

© Para a versão portuguesa de Edições Maria da Fonte

Mao Tsé-tung

INTERVENÇÃO NA CONFERÊNCIA NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS SOBRE O TRABALHO DE PROPAGANDA

(12 de Março de 1957)

Mao Tsé-tung

SOBRE O TRABALHO DE PROPAGANDA

Camaradas! A nossa Conferência [1] fez um bom trabalho. Um grande número de questões foram levantadas, o que nos permitiu aprender muitas coisas. Queria agora fazer algumas observações sobre problemas por vós levantados.

Vivemos num período de grandes modificações sociais. A China atravessa há muito tais períodos. A Guerra de Resistência contra o Japão foi um, a Guerra de Libertação, outro. Mas as modificações que se produzem hoje são, pela sua natureza, bem mais profundas que as precedentes. Edificamos neste momento o socialismo. Centenas de milhões de homens participam no movimento de transformação socialista. As relações entre as diferentes classes do país mudam. A pequena burguesia, na agricultura e no artesanato, e a burguesia, na indústria e no comércio, sofreram modifica-

---

[1] — A Conferência nacional do Partido comunista chinês sobre o trabalho de Propaganda foi realizada em Pequim de 6 a 13 de Março de 1957 pelo Comité central do Partido, com a participação de mais de 380 responsáveis das secções de propaganda, de cultura e de educação do Comité central e dos comités provinciais (ou dos municipais) do Partido. Para esta Conferência foram convidados mais de 100 quadros não comunistas que trabalham nos domínios da ciência, da educação, da literatura, da arte, da imprensa e das edições.

ções. O regime sócio-económico mudou; a economia individual transformou-se em economia colectiva, e a propriedade privada, capitalista, transforma-se em propriedade social, socialista. Modificações de uma tal amplitude têm naturalmente reflexo no espírito dos homens. A existência social dos homens determina a sua consciência. A estas grandes modificações do nosso regime social, as pessoas reagem de modo diferente, segundo as classes, camadas e grupos sociais a que pertencem. As grandes massas aplaudem-nos calorosamente, porque a própria vida provou-lhes que o socialismo é a única solução possível para a China. Derrubar o velho regime e instaurar um novo, o socialismo, é uma grande luta, uma modificação profunda no regime social e nas relações entre os homens. No conjunto, é preciso dizê-lo, a situação é sã. Todavia, o novo regime social acaba de se estabelecer e é necessário um certo tempo para que esteja consolidado. Não vamos acreditar que seja perfeito logo após a sua instauração; isso é impossível. Só pode ser consolidado progressivamente. Para que o seja, de maneira definitiva, é preciso fomentar a industrialização socialista do país, prosseguir com perseverança a revolução socialista no plano económico e, além disso, dispender duros e constantes esforços nos planos político e ideológico, com vista à revolução e educação socialistas. Por outro lado, é preciso que diferentes condições internacionais concorram para isso. No nosso país, a luta pela consolidação do regime socialista, a luta que decidirá a vitória do socialismo ou do capitalismo, estender-se-á ainda por um período histórico muito longo. Mas, devemos ter em conta que o novo regime, socialista, consolidar-se-á inevitavelmente. Edificaremos um país socialista dotado de uma indústria, de uma agricultura, de uma ciência e de uma cultura modernas. Eis o primeiro ponto de que queria tratar.

Em segundo lugar, a situação dos nossos intelectuais. Não há estatísticas precisas que nos digam o número exacto de intelectuais que temos no China. Segundo certas estimativas, há cerca de 5 milhões, de todas as categorias, intelectuais em geral e grandes intelectuais. A imensa maioria é patriota; ama a nossa República popular e está pronta a servir o povo e o Estado socialista. Um pequeno número não é favorável ao socialismo e não se encontra tão satisfeito. Mostra-se céptico em relação ao socialismo, mas é contudo patriota face ao imperialismo. Os intelectuais hostis ao nosso Estado são um número ínfimo. São pessoas que não amam o nosso Estado, com base na ditadura do proletariado; lamentam o desaparecimento da velha sociedade. À menor oportunidade, fomentam desordens, procurando derrubar o Partido comunista e restaurar o velho regime. Entre a via do proletariado e a da burguesia, isto é, entre a via do socialismo e a do capitalismo, obstinam-se em querer seguir a segunda. De facto, como esta é impraticável, estão prontos a capitular perante o imperialismo, o feudalismo e o capitalismo burocrático. Tais pessoas encontram-se tanto nos meios da política, da indústria, do comércio, da cultura e do ensino, como nos meios científicos, técnicos e religiosos; são extremamente reaccionários. Representam apenas um, dois ou três centésimos do total de cinco milhões. A imensa maioria dos intelectuais, isto é, mais de 90 por cento dos cinco milhões, apoiam, embora em graus diferentes, o regime socialista. Mas muitos não sabem ainda muito bem como trabalhar em regime socialista, como compreender, abordar e resolver tantas questões novas.

No que diz respeito à atitude de cerca de cinco milhões de intelectuais em relação ao marxismo, pode-se dizer que mais de dez por cento, membros do Partido e simpatizantes, conhecem relativamente bem o marxismo, e,

sem hesitações, atêm-se com firmeza à posição do proletariado. Num total de cinco milhões, são uma minoria, mas formam o núcleo e constituem uma força poderosa. A maior parte dos intelectuais deseja estudar o marxismo, estudaram-no mesmo um pouco, sem contudo o perceberem. Alguns conservam ainda dúvidas, ainda estão vacilantes e hesitam desde que se levante a tempestade. Esta parte dos intelectuais — a maioria dos cinco milhões — queda-se numa situação intermediária. Os intelectuais resolutamente opostos ao marxismo, os que têm uma atitude hostil para com ele, são em número ínfimo. Certas pessoas desaprovam no fundo o marxismo, sem o dizer abertamente. Haverá ainda por muito tempo destas pessoas, e devemos permitir-lhes não o aprovar. Assim, certos intelectuais idealistas, podem aprovar o regime político e económico do socialismo, sem estar de acordo com a concepção marxista do mundo. Passa-se o mesmo com os patriotas dos meios religiosos. São deístas e nós somos ateus. Não podemos impor-lhes a concepção marxista do mundo. Em suma, se se considerar a atitude de cerca de cinco milhões de intelectuais em relação ao marxismo, eis o que se pode dizer: os que o aprovam e conhecem relativamente bem, são uma minoria; os que se lhe opõem, são igualmente uma minoria; a maioria aprova-o, sem o conhecer bem, e esta aprovação comporta graus muito diferentes. As posições adoptadas são aqui de três espécies: firmes, hesitantes ou hostis. Esta situação durará ainda muito tempo, devemos reconhecê-lo, senão poderíamos mostrar-nos demasiado exigentes para com os outros, atribuindo-nos a nós próprios uma tarefa muito modesta. Os nossos camaradas, afectos à propaganda, têm por tarefa difundir o marxismo. É preciso que o façam progressivamente e bem, de modo a obter uma adesão de pleno agrado. Não se pode fazer aceitar o marxismo pela coacção

mas apenas pela persuação. Se, no decorrer dos próximos quinquénios, uma proporção relativamente elevada dos nossos intelectuais aderir ao marxismo, e adquirir uma compreensão bastante boa, pela prática no trabalho e na vida, pela prática da luta de classes, da produção e da investigação científica, isso será bom. E é o que esperamos.

Em terceiro lugar, a reeducação dos intelectuais. Do ponto de vista cultural, a China é um país pouco desenvolvido. Cinco milhões de intelectuais é nitidamente insuficiente para um grande país como o nosso. Sem os intelectuais, não poderíamos fazer bem o nosso trabalho; é por isso que devemos uni-los a nós o melhor possível. A sociedade socialista compreende, essencialmente, três categorias de pessoas: os operários, os camponeses e os intelectuais, que são trabalhadores que fornecem um esforço mental. A sua actividade está ao serviço do povo, isto é, ao serviço dos operários e dos camponeses. Na sua maioria, podem servir a China nova como puderam servir a velha China, podem servir o proletariado como puderam servir a burguesia. Enquanto os intelectuais serviram a velha China, a ala esquerda resistia, os elementos do centro hesitavam e só a ala direita se conservava firme. Agora que servem a sociedade nova, os papéis inverteram-se: a ala esquerda está firme, os elementos do centro hesitam (as hesitações na sociedade nova não são as mesmas que no passado) e a ala direita resiste. Além disso, os intelectuais são educadores. A nossa imprensa educa o povo todos os dias. Os nossos escritores e artistas, os nossos cientistas e técnicos, os nossos professores e mestres dedicam-se todos a formar alunos, a educar o povo. Sendo mestres, educadores, têm por primeiro dever educar-se. E isto tanto mais, quanto atravessamos um período de grandes modificações no regime social. Nestes últimos anos, têm recebido uma formação marxista,

e, à força de aplicação, alguns fizeram mesmo grandes progressos. Mas, a maioria tem ainda um longo caminho a percorrer, antes de poder substituir totalmente a sua concepção burguesa do mundo pela concepção proletária. Alguns, crêem-se muito sabedores, por terem lido livros marxistas, mas as suas leituras não penetram, não criam raízes no seu espírito: não sabem fazer uso delas e os seus sentimentos de classe permanecem intactos. Outros, estão cheios de soberba; apesar do pouco que leram, já se crêem alguém e incham de orgulho. Mas, desde que sopre a tempestade, a sua posição revela-se bem diferente da dos operários e da maior parte dos camponeses trabalhadores: é vacilante, quando esta é firme, é equívoca, quando esta é clara e nítida. Sendo assim, não há razão para crer que os que educam já não necessitam de ser educados nem de aprender, e que a reeducação socialista diz respeito apenas aos outros — os proprietários das terras, os capitalistas e os produtores individuais — e não aos intelectuais. Os intelectuais têm também necessidade de ser reeducados, e não só aqueles cuja posição fundamental não mudou: todos devem aprender e reeducar-se. E quando digo todos, estamos a incluir-nos. As circunstâncias estão em perpétua modificação e, para que as nossas ideias se adaptem às novas condições, é-nos necessário aprender. Mesmo os que conhecem bastante bem o marxismo, e cuja posição proletária é relativamente firme, devem continuar a aprender, a assimilar o que é novo e a estudar novos problemas. A menos que se desembaracem de tudo o que está errado, os intelectuais não poderão educar os outros. Evidentemente que o que nós temos a fazer é aprender ao mesmo tempo que ensinamos, sentarmo-nos nos bancos ao mesmo tempo que servimos de mestres. Para ser bom mestre é preciso, antes de tudo, ser bom aluno. Há muitas coisas que não se aprendem só nos

livros, é preciso aprendê-las junto dos produtores — operários, camponeses pobres e camponeses médios da camada inferior, e, na escola, junto dos alunos, junto daqueles a quem se ensina. A meu ver, a maioria dos intelectuais quer aprender. A nossa tarefa é ajudá-los de bom grado e de maneira apropriada, na base do seu livre consentimento, e não obrigá-los pela coacção.

Em quarto lugar, a fusão dos intelectuais com a massa dos operários e dos camponeses. Visto que os intelectuais são chamados a servir as massas operárias e camponesas, devem, em primeiro lugar, compreendê-las e conhecer bem a sua vida, o seu trabalho e mentalidade. Recomendamos aos intelectuais que vão para o meio das massas, nas fábricas, nos campos. Seria muito mau que nunca se encontrassem, durante toda a vida, com operários e camponeses. Os nossos trabalhadores do Estado, escritores, artistas, professores e os trabalhadores da pesquisa científica devem aproveitar todas as ocasiões possíveis para entrar em contacto com os operários e os camponeses. Alguns podem ir até às fábricas ou ao campo apenas para lançar uma olhadela e dar um passeio; a isso chama-se «contemplar as flores de cima do cavalo», o que vale sempre mais do que ficar em casa e não ver nada. Outros podem permanecer ali vários meses para realizar inquéritos e fazer amigos; a isso chama-se «descer do cavalo para contemplar as flores». Outros podem ainda ficar e viver ali por muito tempo, por exemplo, dois ou três anos, ou mesmo mais; a isso chama-se «estabelecer-se». Alguns intelectuais já vivem entre os operários e camponeses: por exemplo, os técnicos da indústria, estão nas fábricas, os técnicos da agricultura e os professores das escolas rurais, nos campos. Trata-se, para eles, de cumprir cabalmente o seu trabalho, de formarem uma massa única com os operários e camponeses.

Tomar contacto com as massas operárias e camponesas deve tornar-se um hábito; ou, dito de outro modo, é preciso que um grande número de intelectuais siga esta prática. Não todos, evidentemente, alguns não podem, por uma razão ou por outra, ir para as fábricas ou para o campo; mas esperamos que os intelectuais se dirijam para lá no maior número possível. Aliás, não se põe a questão de partirem todos ao mesmo tempo, mas sucessivamente e por grupos. Quando estávamos em Yenan, actuámos de forma a que os intelectuais pudessem entrar em contacto directo com os operários e camponeses. Nesse tempo, muitos deles tinham o espírito bastante confuso e toda a espécie de opiniões bizarras. No decorrer de uma reunião, aconselhámos toda a gente a ir para o meio das massas. Muitos o fizeram de seguida, e foram obtidos bons resultados. Os conhecimentos adquiridos pelos intelectuais nos livros são incompletos, muito incompletos na verdade, enquanto não se ligarem à prática. Portanto, é essencialmente pelos livros que os intelectuais recolhem a experiência dos velhos. Certamente que estudar nos livros é indispensável, mas não basta para resolver os problemas. É preciso estudar a situação do momento, examinar a experiência prática e os dados da realidade; é preciso ser amigo dos operários e dos camponeses. Travar amizade com eles não é, de maneira alguma, coisa fácil. Mesmo hoje, dos que vão para as fábricas ou para o campo, uns têm bons resultados, outros não. Trata-se, aqui, de uma questão de posição ou de atitude, isto é, de concepção do mundo. Nós preconizamos o princípio: «Que cem escolas rivalizem» e pensamos que podem existir numerosas tendências, múltiplas escolas em cada ramo do conhecimento; mas quando se trata da concepção do mundo, não há, de facto, na nossa época, senão duas escolas: a escola proletária e a escola burguesa.

A concepção proletária ou a concepção burguesa. A concepção comunista do mundo é a do proletariado e não a de nenhuma outra classe. A maior parte dos intelectuais vêm da velha sociedade e de famílias que não pertencem às classes trabalhadoras. Alguns, que saíram de famílias operárias ou camponesas, são contudo intelectuais burgueses, porque a educação que receberam, antes da Libertação, era a da burguesia e a sua concepção do mundo ficou essencialmente burguesa. Se não rejeitarem o que é velho, para adoptar a concepção proletária, serão, pelo seu ponto de vista, pela posição que tomem e pelos sentimentos, sempre diferentes dos operários e dos camponeses; não se enquadram com eles e estes nunca lhes abrem o coração. Se os intelectuais se ligarem aos operários e aos camponeses e se se tornarem seus amigos, serão capazes de assimilar o marxismo que aprenderam nos livros. Para aprender o marxismo, não basta estudá-lo nos livros; é sobretudo pela luta de classes, pelo trabalho prático e pelos contactos com as massas operárias e camponesas que se chega a dominá-lo realmente. Se, depois de terem lido obras marxistas, os intelectuais adquirirem ainda mais alguma compreensão do marxismo, no contacto com as massas operárias e camponesas e no trabalho prático, falaremos todos a mesma linguagem, não apenas a linguagem do patriotismo e do socialismo, mas também, provavelmente, a linguagem de concepção comunista do mundo, e o trabalho de todos será seguramente muito mais bem feito.

Em quinto lugar, a rectificação. Trata-se de uma rectificação do nosso modo de pensar e do nosso estilo de trabalho. Movimentos de rectificação foram empreendidos no seio do Partido comunista durante a Guerra de Resistência contra o Japão, depois, no período da Guerra de Libertação e, por fim, pouco depois da fundação da República Popular da

China ([2]). O Comité central do Partido comunista tomou agora a decisão de empreender um outro, este ano, no seio do Partido. Os não comunistas são livres de nele participar ou não. Tratar-se-á, sobretudo, de criticar os três erros aparecidos no modo de pensar e no estilo de trabalho, a saber: subjectivismo, a burocracia e o sectarismo. O método seguido será o mesmo que aplicámos no decorrer da Guerra de Resistência contra o Japão: estudar-se-á, primeiro, um certo número de documentos, à luz dos quais cada um passará, em seguida, ao exame das suas próprias ideias e do seu próprio trabalho, por meio da crítica e da autocrítica, a fim de pôr em dia insuficiências e erros e desenvolver tudo o que é bom e justo. Por um lado, usar-se-á de todo o rigor necessário para fazer conscienciosamente, e não de uma forma negligente, a crítica e a autocrítica das insuficiências e erros, a fim de os corrigir; por outro lado, ter-se-á de o fazer sem rudeza, seguindo o princípio que consiste em «colher a lição dos erros passados para evitar a sua repetição e curar a doença para salvar o homem», sendo proibido «matar as pessoas à cacetada».

([2]) — O movimento de rectificação durante a Guerra de Resistência contra o Japão foi conduzido numa vasta escala, em 1942, nas organizações do Partido, em Yenan e nas das bases antijaponesas, para combater o subjectivismo, o sectarismo e o estilo estereotipado. A rectificação durante a Guerra de Libertação foi um movimento pela consolidação do Partido, realizado em 1948, em ligação com o movimento de reforma agrária, em todas as organizações do Partido das regiões libertadas. Quanto à rectificação empreendida pouco tempo após a fundação da República Popular da China, trata-se do movimento realizado em 1950 em todo o Partido, depois da vitória à escala nacional, a fim de reforçar a educação dos novos aderentes, chegados ao Partido em grande número, de corrigir a impureza da sua ideologia e de pôr termo ao orgulho e suficiência, assim como ao estilo de trabalho autoritário, que começavam a manifestar-se nos veteranos a seguir a esta vitória.

Somos um grande e glorioso Partido, um partido que tem uma política justa. Isto é um facto inegável. Mas é preciso reconhecer que temos ainda insuficiências. Não devemos aprovar como positivo tudo o que realizámos, mas apenas o que é justo; por outro lado, também não devemos rejeitar como negativo tudo o que fizémos, mas apenas o que é falso. No nosso trabalho, os sucessos constituem o essencial, mas as insuficiências e os erros não são desprezados. É esta a razão porque precisamos de empreender um movimento de rectificação. Mas, se nós próprios nos pomos a criticar o nosso subjectivismo, a nossa burocracia e o nosso sectarismo, o prestígio do nosso Partido não poderia sofrer com isso? Penso que não. Muito pelo contrário, o seu prestígio sairá engrandecido. O movimento de rectificação realizado durante a Guerra de Resistência é uma prova disso. Realçou o prestígio do Partido, dos nossos camaradas e dos nossos velhos quadros; permitiu também que os novos quadros fizessem grandes progressos. Dos dois partidos, o Partido comunista e o Kuomintang, qual tinha medo da crítica? O Kuomintang. Este interditava a crítica, mas isso não o salvou da derrota. O Partido comunista não teme a crítica; porque somos marxistas, a verdade está do nosso lado, e as massas fundamentais — os operários e os camponeses — estão do nosso lado. A rectificação é, como dizíamos, um «movimento geral pela educação marxista» ([3]). É com efeito o estudo, em todo o Partido, do marxismo, por meio da crítica e da autocrítica. Aprofundaremos, certamente, o nosso conhecimento do marxismo no decorrer deste movimento.

([3]) — Ver «Produção pelo exército dos bens indispensáveis às suas necessidades e a importância dos dois grandes movimentos pela rectificação do estilo de trabalho e pelo desenvolvimento da produção» Obras escolhidas de Mao Tsé-tung, livro III.

É a nós que compete dirigir a transformação e a edificação da China. Quando tivermos rectificado o modo de pensar e o estilo de trabalho, teremos mais iniciativa no nosso trabalho, adquiriremos mais competência e trabalharemos melhor. O nosso país necessita de um grande número de homens que sirvam sinceramente o povo e o socialismo, e que estejam dispostos a realizar transformações. Nós, comunistas, devemos todos ser destes homens. Contudo, na velha China, falar de reformas era um crime, ter-vos-iam cortado a cabeça ou prendido. No entanto, havia nessa época reformadores resolutos; não tinham medo de nada e, nas condições mais difíceis, publicavam livros e jornais, educavam e organizavam o povo e prosseguiam uma luta inflexível. A ditadura democrática popular abriu a via ao desenvolvimento rápido da economia e da cultura no nosso país. Este poder de Estado está fundado apenas há alguns anos, mas já se verifica um desenvolvimento sem precedentes no domínio económico, como nos da agricultura, da educação e da ciência. Nós, comunistas, não tememos nenhuma dificuldade na edificação da China nova. Mas não podemos realizá-la sozinhos. Necessitamos dum grande número de homens de boa vontade, de fora do Partido, que possam conduzir connosco uma luta intrépida para transformar e edificar a nossa sociedade na senda do socialismo e do comunismo. É uma tarefa árdua a de assegurar um nível de vida conveniente a centenas de milhões de chineses, de transformar o nosso país económica e culturalmente atrasado num país próspero, poderoso, dotado de uma cultura altamente desenvolvida. E é para melhor assumir esta tarefa e melhor trabalhar com todos os homens de boa vontade, de fora do Partido, dispostos a realizar transformações, que devemos, hoje como amanhã, empreender movimentos de rectificação e corrigir sem descanso o que em nós

há de erróneo. Os materialistas consequentes são homens sem medo. Esperemos que todos os nossos companheiros de luta assumam corajosamente as suas responsabilidades e vençam as dificuldades, não temam nem os reveses nem as troças e não hesitem em fazer-nos, a nós, comunistas, críticas e sugestões. «O que não teme ser ferido pela espada, ousa destronar o imperador» — é este o espírito intrépido que devemos ter no combate pelo socialismo e pelo comunismo. Quanto a nós, comunistas, devemos criar condições favoráveis para os que cooperarem connosco, estabelecer com eles boas relações de trabalho em comum, feitas de camaradagem, e unirmo-nos a eles na luta comum.

Em sexto lugar, a questão do ponto de vista unilateral. Atentar num só lado das coisas, é pensar no absoluto, é encarar os problemas metafisicamente. Quando se trata de apreciar o nosso trabalho, aprová-lo inteiramente ou condená-lo em bloco, é ser unilateral. É, no entanto, o que faz muita gente no seio do Partido e um grande número de outra no exterior do Partido. Aprovar tudo, é ver só o lado bom e não o mau, é admitir apenas os louvores e não as críticas. Pretender que tudo corre bem no nosso trabalho não corresponde à realidade. Com efeito, não marcha tudo a contento e existem ainda insuficiências e erros. Mas, que tudo corre mal, não corresponde tão pouco à realidade. É necessária então uma análise. Condenar tudo, é considerar, sem espírito de análise, que tudo está mal feito, que nada merece ser louvado numa obra tão grandiosa como é a edificação socialista, nesta grande luta conduzida por várias centenas de milhões de homens, e que tudo isto seria uma porcaria. Certamente que não se podem confundir os numerosos partidários deste ponto de vista, com os elementos hostis ao regime socialista; contudo, estas opiniões são totalmente falsas e nocivas e só

nos podem desencorajar. Para julgar o nosso trabalho, a aprovação exclusiva é tão falsa como a negação exclusiva. Devemos criticar os que encaram os problemas de modo unilateral, mas, ao fazê-lo, devemos também ajudá-los segundo o princípio: «colher a lição dos erros passados para evitar a sua repetição e curar a doença para salvar o homem». Segundo alguns, já que se trata de uma rectificação em que se pediu a opinião de todos, é inevitável que surjam opiniões unilaterais; e pedir às pessoas para as evitar equivale a não as deixar falar. Esta asserção é exacta? É naturalmente difícil, para todos, não terem o menor ponto de vista unilateral. Parte-se sempre da própria experiência para examinar e tratar um problema, para dar um conselho, e é por vezes difícil abster-se de qualquer ponto de vista unilateral. Mas não devemos exigir que se renuncie, pouco a pouco, ao exame parcial dos problemas, que se tenha uma visão mais completa das coisas? A meu ver, devemo-lo. Porque se nós o não fizéssemos, se não exigíssemos que, de dia para dia, de ano para ano, crescesse o número de pessoas que saiba encarar os problemas dum modo relativamente completo, marcaríamos passo, aprovaríamos os pontos de vista unilaterais e iríamos contra o fim para que tende a rectificação. Encarar os problemas de uma maneira unilateral é infringir a dialéctica. Queremos que a dialéctica se divulgue progressivamente e que toda a gente saiba, pouco a pouco, utilizar este método científico. Actualmente, alguns dos nossos artigos estão num estilo absolutamente pomposo, mas vazios de conteúdo, desprovidos de análise, pobres em argumentos e sem força persuasiva. É preciso que haja cada vez menos destes artigos. Quando se escreve artigos, não é necessário estar permanentemente convencido da sua superioridade, mas colocar-se em perfeito pé de igualdade com os leitores. Há anos que

marcais presença nas fileiras da revolução, mas se tiverdes propósitos erróneos, refutar-vos-ão, apesar disso. Quanto mais presumis, mais se desviarão de vós e ler-vos-ão menos. Devemos trabalhar com honestidade, fazer uma análise concreta das coisas, escrever artigos que sejam convincentes; não é preciso presumir para se fazer acreditar.

Alguns pensam que se podem evitar as vistas unilaterais num artigo longo mas não num curto ensaio. Será que um ensaio terá que necessariamente as conter? Como acabo de referir, os pontos de vista unilaterais são muitas vezes inevitáveis, e não é assim tão grave que haja alguns. Exigir a toda a gente que tenha uma visão completa das coisas dificulta o desenvolvimento da crítica. Contudo, pedimos que se esforcem por adquirir uma visão relativamente completa das coisas e que se evitem, tanto quanto possível, as opiniões unilaterais num escrito, longo ou curto, mesmo que seja um ensaio. Como se pode, perguntam alguns, fazer uma análise num ensaio de algumas centenas, de um ou dois milhares de caracteres? Mas porque não? Lou San não o fez? O método analítico é o método dialéctico. Por análise, entende-se a análise das contradições inerentes às coisas e aos fenómenos. Sem conhecer bem a realidade da vida, sem compreender verdadeiramente as contradições em causa, é impossível fazer-se uma análise judiciosa. Lou San, no último período da sua vida, soube escrever ensaios que se contam entre os mais penetrantes e os mais vigorosos, e que estão isentos de opiniões unilaterais, precisamente porque ele tinha então assimilado a dialéctica. Do mesmo modo, certos escritos de Lenine podem ser considerados como ensaios; são satíricos e mordazes, mas não têm nada de unilateral. Os ensaios de Lou San eram, quase todos, dirigidos contra o inimigo, e os de Lenine visavam tanto o inimigo como os camaradas. Pode-se empregar o

género de ensaios de Lou San contra os erros e as insuficiências nas fileiras do povo? Eu penso que sim. É evidente que devemos fazer uma distinção clara entre nós e os nossos inimigos e não adoptar uma posição antagónica em relação aos nossos camaradas, tratando-os como ao inimigo. Os nossos escritos devem estar impregnados do desejo ardente de defender a causa do povo e de elevar o seu nível de consciência política, não devem nem ridicularizar nem atacar aqueles a quem se dirigem.

Que fazer se não se ousa escrever? Alguns dizem que não ousam escrever o que têm a dizer, por temor de ofender, de atrair sobre si críticas. Penso que é preciso afastar semelhantes apreensões. Temos um regime de democracia popular, o que criou um meio favorável para a actividade literária ao serviço do povo. A política: «Que cem flores desabrochem, que cem escolas rivalizem» oferece garantias novas para o progresso da ciência e da arte. Se o que escreveis é justo, não tendes nada que temer a crítica, e podeis, através do debate, clarificar ainda as vossas posições justas. E se o que escreveis é falso, a crítica ajudar-vos-á a corrigir os vossos erros, e não haverá mal nenhum nisso. Na nossa sociedade, a crítica e a contracrítica, que são revolucionárias e combativas, constituem um bom método para pôr a nu as contradições e para as resolver, para desenvolver a ciência e a arte e realizar capazmente o nosso trabalho em todos os domínios.

Em sétimo lugar, é preciso «encorajar» a expressão ou «restringi-la»? É uma questão de política. «Que cem flores desabrochem, que cem escolas rivalizem» é uma política fundamental e a longo prazo, não tem nada de provisório. No decurso do debate, os nossos camaradas não aprovaram a «restrição». Penso que têm muita razão. O nosso Comité central pensa, com efeito, que é preciso «encorajar» a expressão e não «restringi-la».

Para dirigir o nosso país, pode-se adoptar dois métodos ou ainda duas políticas diferentes: «encorajar» a expressão ou «restringi-la». «Encorajar» a expressão, é dar livre curso à voz pública, de modo a que toda a gente ouse falar, criticar, discutir; é não temer as propostas erróneas, não temer o veneno; é desenvolver a controvérsia e a crítica entre os que apoiam opiniões diferentes e admitir tanto a crítica como a contracrítica; é pôr fim a visões erróneas, não pela coacção mas pela persuação, por meio da argumentação. «Restringir», é não permitir às pessoas formularem opiniões divergentes, não admitir que possam exprimir opiniões erróneas, sob pena de serem «mortas à cacetada». Longe de resolver as contradições, este método não faz senão agravá-las. «Encorajar» a expressão ou «restringi-la» — é preciso escolher uma ou outra destas políticas. Nós adoptamos a primeira, porque contribui para consolidar o nosso país e para desenvolver a nossa cultura.

Estamos dispostos a «encorajar» a expressão das opiniões, com vista a juntar a nós milhões de intelectuais e a transformar os seus conceitos actuais. Como acabo de dizer, a imensa maioria dos nossos intelectuais deseja fazer progressos; querem reeducar-se e podem-no. A política que adoptamos tem aqui um papel importante. A questão dos intelectuais é, antes de tudo, uma questão de ideologia, e usar métodos brutais e de coacção para resolver os problemas ideológicos é nocivo e não apresenta nenhuma vantagem. A reeducação dos intelectuais, sobretudo quando se trata de transformar a sua concepção do mundo, é um processo longo. Os nossos camaradas devem compreender que a reeducação ideológica é uma tarefa de longa duração, que é necessário ser realizada paciente e minuciosamente; não basta esperar que algumas lições ou algumas reuniões possam mudar uma ideologia que se formou no decorrer de uma

vida de vários decénios. Só se pode convencer pela persuasão e não pela coacção. A coacção teria, por único resultado, submeter sem convencer. Procurar submeter pela força é inadmissível. Pode-se utilizar este método em relação ao inimigo, mas nunca em relação a camaradas ou amigos. Que fazer se não se consegue convencer? É então preciso aprender. É-nos necessário aprender a superar qualquer ideia errónea por meio do debate e da argumentação.

«Que cem flores desabrochem» é um meio para desenvolver a arte e «Que cem escolas rivalizem» um meio para fazer avançar a ciência. A política: «Que cem flores desabrochem, que cem escolas rivalizem» não é apenas um bom método para desenvolver a ciência e a arte, mas também, se se generalizar a sua aplicação, um bom método para o nosso trabalho em todos os domínios. Este método far-nos-á cometer menos erros. Há muitas coisas que ignoramos e, por conseguinte, não sabemos resolver os problemas que elas levantam, mas através da discussão e da luta, chegaremos a conhecer estas coisas e encontraremos os meios de resolver estes problemas. É pela confrontação de opiniões que a verdade faz o seu caminho. O mesmo método é válido para o que é venenoso, antimarxista, porque é na luta contra o que é antimarxista que se desenvolve o marxismo. Trata-se do desenvolvimento pela luta dos contrários, do desenvolvimento dialéctico das coisas.

Não se fala, desde sempre, do verdadeiro, do bem e do belo? O seu contrário é o falso, o mal e o feio. Sem estes últimos, os primeiros não existiriam. A verdade opõe-se ao que é erróneo. Na sociedade humana como na natureza, um todo divide-se sempre em partes, apenas o conteúdo e a forma variam segundo as condições concretas. Existirão sempre erros, coisas feias, e sempre antagonismos que opõem o verdadeiro e o falso, o bem e

o mal, o belo e o feio. Passa-se o mesmo com a flor perfumada e a erva venenosa. A sua relação é a da unidade e da luta dos contrários. Sem contraste, não há diferenciação. Sem diferenciação e sem luta, não há desenvolvimento. A verdade desenvolve-se na luta contra o que é erróneo. O mesmo se passa com o marxismo. É na luta contra a ideologia burguesa e pequeno-burguesa, e só na luta, que se desenvolve o marxismo.

Somos pelo «encorajamento» da expressão. Por agora, longe de se ir muito à frente, neste sentido, não se fez ainda o bastante. Não devemos temer nem a livre expressão das opiniões, nem a crítica, nem as ervas venenosas. O marxismo é uma verdade científica; não teme a crítica e não sucumbirá aos seu golpes. Passa-se o mesmo com o Partido comunista e o governo popular; também não receiam a crítica e não sucumbirão aos seus golpes. Haverá sempre coisas erróneas, e não temos que nos assustar. Ultimamente, peças perniciosas têm sido levadas à cena. Em virtude disso alguns camaradas estão muito inquietos. A meu ver, não é assim tão grave que haja algumas; desaparecerão todas da cena, em poucas dezenas de anos, e não tereis então ocasião de as ver mesmo que o desejásseis. Devemos encorajar o que é justo e opor-nos ao que é erróneo, mas não devemos recear que as pessoas entrem em contacto com coisas erróneas. Não resolveremos nada recorrendo simplesmente a ordens administrativas para impedir as pessoas de entrar em contacto com coisas doentes e feias, com ideias erróneas, e de assistir a espectáculos perniciosos. Evidentemente, que não estou a encorajar as peças perniciosas, a minha ideia é que «não é assim tão grave que haja algumas». Não há razão para nos espantarmos nem para nos assustarmos pela existência de um determinado número de coisas erróneas, porque elas podem ensinar-nos a combatê-las melhor. Ven-

tos e tempestades também não nos devem meter medo. É através de ventos e tempestades que se desenvolve a sociedade humana.

No nosso país, a ideologia burguesa e pequeno-burguesa e as ideias antimarxistas subsistirão ainda por muito tempo. O regime socialista está, no geral, instaurado na nossa Pátria. No essencial concluímos a transformação da propriedade dos meios de produção, mas nos planos político e ideológico a vitória não é ainda completa. No plano ideológico, a questão de saber quem a ganhará, o proletariado ou a burguesia, não está ainda verdadeiramente resolvida. Temos que sustentar um longo combate contra a ideologia burguesa e pequeno-burguesa. Seria um erro não compreender isto e renunciar à luta ideológica. Toda a ideia errónea, toda a erva venenosa, todo o génio malfazejo devem ser submetidos à crítica, e é preciso nunca lhes deixar o campo livre. Mas esta crítica deve assentar plenamente na argumentação, deve ser analítica e convincente, não deve ser brutal e burocrática, nem metafísica e dogmática.

Têm sido feitas, desde há muito, inúmeras críticas contra o dogmatismo. Era o que se impunha fazer. Mas negligenciou-se, muitas vezes, a crítica do revisionismo. O dogmatismo e o revisionismo opõem-se, ambos, ao marxismo. O marxismo deve necessariamente avançar, desenvolver-se à medida que a prática se desenvolve, nunca poderá marcar passo. Se permanecesse estagnado e estereotipado já não teria vida. Todavia, não se devem infringir os princípios fundamentais do marxismo; fazê-lo, é cair em erro. Considerar o marxismo dum ponto de vista metafísico e como qualquer coisa de estático, é dogmatismo. Negar os princípios fundamentais do marxismo e negar a sua verdade universal, é revisionismo. O revisionismo é uma forma de ideologia burguesa. Os revisionistas apagam a diferença entre o socialismo e o capitalismo,

entre a ditadura do proletariado e a da burguesia. O que preconizam não é, de facto, a linha socialista, mas a linha capitalista. Nas circunstâncias actuais, o revisionismo é ainda mais nocivo do que o dogmatismo. Cabe-nos uma tarefa importante no plano ideológico, a de desenvolver a crítica contra o revisionismo.

Em oitavo lugar, e este será o nosso último ponto, os comités de província, de município e de região autónoma do Partido devem tratar da questão ideológica. Alguns camaradas aqui presentes queriam que abordasse este ponto. Em muitos sítios, os comités do Partido não trataram ainda desta questão, ou melhor, ocuparam-se muito pouco dela. Isto acontece sobretudo porque estão muito ocupados. Mas é necessário atacá-la. Significa isto, que é preciso pô-la na ordem do dia, que é preciso estudá-la. As grandes e tempestuosas lutas de classe, conduzidas pelas massas em período revolucionário, estão no essencial concluídas, mas a luta de classes, sobretudo a que se trava nos planos político e ideológico, continua sempre, e mesmo com uma grande acuidade. A questão da ideologia tem agora uma importância extrema. Os primeiros secretários dos comités do Partido de todo o país devem ocupar-se pessoalmente desta questão, que só será resolvida correctamente se a tomarem com seriedade em consideração e a submeterem a estudo. É preciso realizar, em todo o lado, reuniões semelhantes à nossa Conferência, a fim de discutir o trabalho ideológico local e todas as questões que se relacionem com ele. Necessita-se, em tais reuniões, não só da participação dos camaradas do Partido, mas também das pessoas que estão fora do Partido, da participação de pessoas que tenham opiniões diferentes. Como testemunha a experiência da nossa Conferência, isto só trará aos trabalhos destas reuniões vantagens e nenhum inconveniente.

O DÉCIMO CONGRESSO
DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

(documentos)

Chou En-lai

RELATÓRIO AO DÉCIMO CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

(Apresentado a 24 de Agosto e aprovado a 28 de Agosto de 1973)

Camaradas,

O X Congresso do Partido comunista chinês tem lugar no momento em que a clique antipartido de Lin Piao foi arrasada, em que a linha do IX Congresso do Partido foi coroada de grandes vitórias e em que uma situação excelente reina tanto no interior como no exterior do país.

Vou apresentar, em nome do Comité central, este relatório ao X Congresso, cujos pontos principais são os seguintes: a linha do IX Congresso; a vitória que constitui o esmagamento da clique antipartido de Lin Piao; a situação actual e as nossas tarefas.

A linha do IX Congresso

O IX Congresso do Partido tinha-se reunido no momento em que a Grande Revolução

cultural proletária, desencadeada e dirigida pelo próprio Presidente Mao, alcançara uma vitória grandiosa.

O IX Congresso, fundamentando-se na teoria do marxismo, do leninismo e do pensamento de Mao Tsé-tung sobre a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, fez um balanço das experiências históricas, assim como das novas experiências adquiridas na Grande Revolução cultural proletária, criticou a linha revisionista de Liou Chao-chi e reafirmou a linha e os princípios políticos fundamentais definidos pelo Partido para todo o período histórico do socialismo. Camaradas, lembrai-vos de que no 1.º de Abril de 1969, na sessão inaugural do IX Congresso, o Presidente Mao lançou este grande apelo: **«unamo-nos para alcançar vitórias ainda maiores»**. A 28 de Abril do mesmo ano, na primeira sessão plenária do Comité central, saído do IX Congresso, o Presidente Mao indicou ainda, em termos explícitos: **«unamo-nos para um só fim, o da consolidação da ditadura do proletariado»**. **«... é preciso para arrancar as vitórias, assegurar, sob a direcção do proletariado, a unidade das grandes massas populares do país»**. O Presidente Mao, fez, além disso, esta previsão: **«talvez dentro de vários anos, seja ainda preciso realizar uma revolução»**. Estas propostas do Presidente Mao e o relatório político do Comité central, aprovado pelo Congresso, estabeleceram para o nosso Partido uma linha marxista-leninista.

Todos sabemos que o relatório político apresentado ao IX Congresso, foi elaborado sob a direcção do próprio Presidente Mao. Antes do IX Congresso Lin Piao, em colaboração com Tchen Po-ta, tinha redigido um relatório político. Opondo-se à continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, defendiam que, depois do IX Congresso, a tarefa principal seria desenvolver a produção. Tratava-se de uma reedição, numa conjuntura

nova, da tese absurda, revisionista, em que Liou Chao-chi e Tchen Po-ta tinham caído na resolução do VIII Congresso, segundo a qual a contradição principal no interior do país, não é a que opõe o proletariado à burguesia, mas a que existe «entre o sistema socialista avançado e as forças de produção social atrasadas». Naturalmente que este relatório político preparado por Lin Piao e Tchen Po-ta foi rejeitado pelo Comité central. Lin Piao apoiava secretamente Tchen Po-ta, que se opunha abertamente ao relatório político elaborado sob a direcção do Presidente Mao; e só depois do fracasso desta tentativa, aceitou, de má vontade, a linha política do Comité central e fez ao Congresso a leitura do relatório político do Comité central. Mas, durante e depois do IX Congresso, apesar dos esforços desenvolvidos pelo Presidente Mao e pelo Comité central do Partido para o educar, enquadrar e recuperar, Lin Piao continuou a urdir complots e a desenvolver actividade de sapa, e foi até ao desencadear, em Agosto de 1970, na segunda sessão plenária do Comité central, saído do IX Congresso, de um golpe de Estado contrarrevolucionário, que fracassou, ao elaborar, em Março de 1971, o plano de golpe de Estado armado contrarrevolucionário: «Projecto de Trabalhos 571», e de desencadear, em 8 de Setembro, este golpe de Estado armado contrarrevolucionário, na sinistra intenção de atentar contra a vida do Presidente Mao, nosso grande dirigente, e de constituir um outro Comité central. Tendo fracassado o complot, Lin Piao embarcou furtivamente, em 13 de Setembro de 1971, a bordo de um avião, para se refugiar junto dos revisionistas soviéticos, traindo assim o Partido e a pátria, e despenhou-se no solo de Ondor Haan, na República Popular da Mongólia.

O esmagamento da clique antipartido de Lin Piao constitui a maior vitória que o nosso Partido obteve desde o IX Congresso, e um

duro golpe para os inimigos do interior e do exterior do país. Depois do incidente de 13 de Setembro, todo o Partido, todo o Exército, assim como centenas de milhões de homens das diferentes nacionalidades do país, realizaram discussões sérias, manifestaram uma imensa indignação proletária em relação a Lin Piao, esse arrivista burguês, esse conspirador, esse indivíduo de duas caras, esse renegado e traidor, assim como em relação aos seus fanáticos partidários. Testemunharam um firme apoio ao Presidente Mao, nosso grande dirigente, assim como ao Comité central do Partido, que tem à cabeça o Presidente Mao. Foi desenvolvido, à escala nacional, um movimento de crítica a Lin Piao e de rectificação do estilo de trabalho. Estudaram conscienciosamente o marxismo, o leninismo, o pensamento de Mao Tsé-tung; submeteram a uma vasta crítica revolucionária Lin Piao e os escroques da sua espécie; denunciaram a fundo, nos planos ideológico, político e organizativo, os seus crimes contrarrevolucionários e adquiriram assim uma melhor capacidade para distinguir o verdadeiro marxismo do falso. Os factos provam que a clique antipartido de Lin Piao era apenas constituída por um punhado de indivíduos, extremamente isolado no Partido, no Exército e entre o povo, impotente para influir no conjunto da situação. A clique antipartido de Lin Piao não conseguiu travar a corrente revolucionária do povo chinês que deflagra impetuosamente, e era, de resto, incapaz disso; não fez senão impelir ainda mais todo o Partido, todo o Exército e todo o povo a **«unirem-se para alcançar vitórias ainda maiores»**.

Sob o impulso do movimento de crítica a Lin Piao e de rectificação do estilo de trabalho, a linha do IX Congresso penetrou mais profundamente nos corações. Esta linha, assim como as diferentes medidas políticas proletárias do Partido foram melhor materializadas.

A luta-crítica-reforma, nos diferentes domínios da superestrutura, deu novos résultados. Desenvolveu-se o estilo de trabalho que consiste em procurar a verdade nos factos e em aplicar a linha de massas, assim como a gloriosa tradição de modéstia, de ponderação, de vida simples e de luta árdua, estilo de trabalho e tradição que Lin Piao tinha comprometido. O Exército popular de Libertação da China, que adquiriu ainda mais méritos no decorrer da Grande Revolução cultural proletária, fez novas aquisições no reforço dos preparativos na previsão de uma guerra, na participação na revolução e edificação realizadas pelo povo. A grande unidade revolucionária do povo das nossas diferentes nacionalidades, colocada sob a direcção do proletariado e baseada na aliança dos operários e dos camponeses, encontra-se ainda mais consolidada. O nosso Partido, tendo rejeitado o que está putrefacto e absorvendo o novo, tornou-se, agora, um destacamento de vanguarda, ainda mais dinâmico, do proletariado, com mais de 28 milhões de membros.

Sob o impulso do movimento de crítica a Lin Piao e de rectificação do estilo de trabalho, o nosso povo pôs termo à actividade de sapa da clique antipartido de Lin Piao, venceu as grandes calamidades naturais e arrancou novas vitórias na edificação do socialismo. A situação é boa nos domínios da indústria, da agricultura, dos transportes e comunicações, das finanças e do comércio. Não temos nem dívidas externas nem internas; os preços são estáveis e o mercado é próspero. Muitos sucessos novos foram igualmente registados nos domínios da cultura, da educação, da saúde pública, da ciência e da técnica.

No plano internacional, o nosso Partido e o nosso Governo aplicaram firmemente a política externa definida no IX Congresso. A amizade revolucionária que nos liga aos países socialistas irmãos e aos partidos e grupos

marxistas-leninistas autênticos dos diferentes países, assim como as relações de cooperação com os países amigos reforçaram-se ainda mais. O nosso país estabeleceu relações diplomáticas com um número crescente de países, na base dos cinco princípios da coexistência pacífica (*). O nosso país foi colocado no seu legítimo assento nas Nações Unidas. A política que tinha por fim o isolamento da China faliu, as relações sino-americanas melhoraram em certa medida. A China e o Japão normalizaram as suas relações. O nosso povo e os outros povos do mundo tiveram contactos amigáveis ainda mais vastos; ajudam-se e apoiam-se mutuamente. O que leva a situação mundial a evoluir continuamente para a vitória dos povos do mundo.

A prática revolucionária desde o IX Congresso e nomeadamente a prática da luta conduzida contra a clique antipartido de Lin Piao provam que são justas a linha política e a linha organizativa do IX Congresso, e que é justa a direcção do Comité central do Partido, que tem à cabeça o Presidente Mao.

A vitória que constitui o esmagamento da clique antipartido de Lin Piao

Todo o Partido, todo o Exército, e todo o povo estão ao corrente do processo da luta que esmagou a clique antipartido de Lin Piao. É por isso que não é preciso tratá-lo aqui em detalhe.

O marxismo-leninismo ensina-nos que a luta no Partido é o reflexo, no seu seio, da luta de classes na sociedade. Depois do desabamento da clique do renegado Liou Chao-chi, a clique antipartido de Lin Piao subiu à cena, com o fito de prosseguir a prova de força com o proletariado; é precisamente uma manifestação aguda da luta de classes, fomentada no interior e no exterior do país.

A 13 de Janeiro de 1967, quando a Grande Revolução cultural proletária se encontrava no auge, o chefe de fila da clique dos renegados revisionistas soviéticos, Breznev, no decurso de um meeting realizado na região de Gorky, lançou ataques frenéticos contra esta revolução e declarou ostensivamente pôr-se ao lado da clique do renegado Liou Chao-chi, afirmando a propósito do esmagamento desta clique: «É uma grande tragédia para todos os comunistas autênticos da China e testemunhamos-lhes a nossa profunda simpatia». Ainda por cima, Breznev proclamou publicamente que o princípio político de derrubar a Direcção do Partido comunista chinês pela subversão continuaria a ser aplicado, dizendo que seria preciso esforçar-se por a «recuperar para a via do internacionalismo» (**Pravda**, 14 de Janeiro de 1967). Em Março de 1967, um outro chefe de fila do revisionismo soviético declarou, mais cinicamente ainda, no decurso de meetings realizados em Moscovo, que «as forças sãs, representando os verdadeiros interesses da China, pronunciarão, mais cedo ou mais tarde, as suas palavras decisivas» e «farão triunfar as ideias do marxismo-leninismo no seu grande país». (**Pravda**, 4 e 10 de Março de 1967). O que eles entendem por «forças sãs», são as forças corrompidas, que representam os interesses do social-imperialismo e de todas as classes exploradoras; o que eles chamam «palavras decisivas» é a usurpação do poder supremo do Partido e do Estado; o «triunfo das ideias», de que eles falam, significa a tomada do poder na China pelos falsos marxistas-leninistas, revisionistas autênticos; a «via do internacionalismo»,

(*) Os cinco princípios de coexistência pacífica são: 1) respeito mútuo pela integridade territorial e soberania; 2) não agressão mútua; 3) não ingerência nos assuntos internos; 4) igualdade e vantagens recíprocas; 5) coexistência pacífica. (N. T.)

na sua boca, é a via que consiste em reduzir a China ao estado de colónia do social-imperialismo revisionista soviético. A clique do renegado Breznev apressou-se a fazer-se intérprete do desejo comum dos reaccionários, denunciando assim a natureza de extrema direita da clique antipartido de Lin Piao.

Lin Piao e o punhado dos seus fanáticos partidários formavam uma clique de conspiradores contrarrevolucionários que «tinham sempre à mão a recolha das citações, os vivas na boca e eram pródigos em palavras elogiosas pela frente para vos apunhalar pelas costas». A essência da sua linha revisionista contrarrevolucionária e o seu fim criminoso no desencadeamento de um golpe de Estado armado contrarrevolucionário, resumem-se a isto: usurpar o poder supremo do Partido e do Estado; trair na totalidade a linha do IX Congresso; modificar radicalmente a linha e os princípios fundamentais definidos pelo Partido comunista chinês, num partido revisionista, fascista; derrubar a ditadura do proletariado pela subversão e restaurar o capitalismo. No interior do país quiseram pôr no poleiro a classe dos proprietários das terras e a burguesia, que o nosso Partido, o nosso Exército e o nosso povo, dirigidos pelo Presidente Mao, tinham eles próprios derrubado, e instaurar uma ditadura fascista, feudal e compradora. No plano internacional, quiseram capitular diante do social-imperialismo revisionista soviético e uniram-se ao imperialismo, ao revisionismo e à reacção, para se oporem à China, ao comunismo e à revolução.

Lin Piao, esse arrivista burguês, esse conspirador e esse indivíduo de duas caras, prosseguiu a sua manobra no seio do nosso Partido, não durante pouco mais de dez anos, mas durante vários decénios; seguiu um processo durante o qual evoluiu e se desmascarou. Foi-nos preciso passar também por todo um processo para o conhecermos. Marx e Engels disseram no «Manifesto do Partido Comunista»: **«Todos os movimentos históricos foram até aqui realizados por minorias ou em proveito de minorias. O movimento proletário é um movimento espontâneo da imensa maioria, em proveito da imensa maioria». «Pôr-se ao serviço da esmagadora maioria da população da China e do mundo»** é uma das principais condições estabelecidas pelo Presidente Mao para os continuadores da causa revolucionária do proletariado, condição que está aliás enunciada nos Estatutos do nosso Partido. Edificar um partido no interesse da esmagadora maioria ou da minoria? Tal é a linha de divisão entre um partido proletário e um partido burguês, a pedra de toque que permite distinguir os verdadeiros comunistas dos falsos. Lin Piao aderiu ao Partido comunista nos primeiros tempos da revolução de democracia nova na China. Já nessa época, tinha cedido ao pessimismo e tinha perdido a confiança no futuro da revolução chinesa. Logo após a Conferência de Koutien (*), o Presidente Mao escreveu-lhe a longa carta: «Uma faísca pode incendiar toda a planície», para o educar com seriedade e paciência. Os factos provam que Lin Piao não modificara em nada a sua concepção idealista do mundo, própria da burguesia. Nos momentos cruciais da revolução, cometeu sempre erros desviacionistas de direita e fez sempre jogo duplo para enganar, com falsas aparências, o Partido e o povo. Entretanto, com o desenvolvimento contínuo da revolução chinesa e, em particular, quando esta se transformava, pela sua natureza, numa revolução socialista e ganhava gradualmente em profundidade, com vista a derrubar definitivamente a burguesia e todas as outras classes exploradoras, substituindo a ditadura da burguesia pela ditadura do proletariado, assegu-

(*) Em Dezembro de 1929. (N. T.)

rando o triunfo do socialismo sobre o capitalismo, Lin Piao, esse tipo de responsável comprometido na via capitalista, trabalhando exclusivamente em proveito da minoria, levou sempre mais longe a sua ambição, à medida que subia de posto, sobrestimou as suas próprias forças, ao subestimar as do povo; desde então, não pôde continuar a dissimular, e subiu necessariamente à cena para se entregar a uma prova de força com o proletariado. E assim que tentou com insolência «pronunciar as suas palavras decisivas», respondendo às necessidades dos inimigos de classe do interior e do exterior, e obedecendo ao bastão de comando do revisionismo soviético, isso desmascarou-o completamente e sancionou a sua falência total.

Engels disse com justiça: «**O desenvolvimento do proletariado é acompanhado sempre de lutas internas... Os que têm como Marx e eu, combatido toda a sua vida os pretensos socialistas mais do que quaisquer outros (porque nós encaramos a burguesia apenas como classe e quase nunca lhe demos combates isolados) não ficarão muito desolados ao ver rebentar a inevitável luta.**» (Carta de F. Engels a A. Bebel, 28 de Outubro de 1882).

Camaradas,

No espaço de meio século o nosso Partido conheceu dez importantes lutas entre as duas linhas. O desmoronamento da clique antipartido de Lin Piao, não significa o fim da luta entre as duas linhas, no seio do Partido. Os nossos inimigos, no país e no estrangeiro, sabem todos que é do interior que as fortalezas se tomam mais facilmente. Se os responsáveis infiltrados no seio do Partido e comprometidos na via capitalista trabalharem para derrubar a ditadura do proletariado pela subversão, é muito mais vantajoso do que se os proprietários das terras e os capitalistas entrassem, eles próprios, em cena; é tanto mais exacto quanto estes gozam na sociedade de muito mau nome. Mesmo no futuro, quando as classes tiverem desaparecido, as contradições, entre a superestrutura e a infraestrutura económica, entre as relações de produção e as forças produtivas, existirão ainda. Como reflexo destas contradições existirá também a luta entre as duas linhas seguintes: a que está avançada e a que está atrasada, a que é justa e a que é errónea. De resto, a sociedade socialista estende-se por um período histórico bastante longo, e, sempre, no decurso deste período, as classes, as contradições de classes e a luta de classes continuam a existir, ao mesmo tempo que a luta entre a via socialista e a via capitalista, o perigo de uma restauração do capitalismo, a ameaça de subversão e de agressão, por parte do imperialismo e do social-imperialismo. Como reflexo destas contradições, a luta entre as duas linhas, no seio do Partido, prosseguirá durante muito tempo, produzir-se-á 10, 20, 30 vezes, surgirão ainda Lin Piaos e indivíduos como Wang Ming, Liou Chao-chi, Peng Teh-houai e Kao Kang; é uma coisa que não depende da vontade do homem. Por conseguinte, todos os camaradas do Partido deverão estar suficientemente preparados, no plano moral, para a longa luta que há-de vir, para serem capazes, quaisquer que sejam os artifícios que possa usar o inimigo de classe, de conduzir bem esta luta, segundo as suas leis próprias e de a guiar até à vitória do proletariado.

O Presidente Mao ensina-nos: «**A justeza da linha ideológica e política é determinante em tudo**». Se a linha não for justa fica-se votado a reveses, mesmo que se detenha a direcção no escalão da autoridade central, nas instâncias locais e no Exército. Se a linha for justa, ter-se-ão soldados mesmo que se não tenha ainda nenhum, e ter-se-á o poder mesmo

que se o não possua ainda. Eis o que sobressai da experiência histórica do nosso Partido, assim como da experiência do movimento comunista internacional desde Marx. Lin Piao queria «comandar tudo e dispor de tudo». Resultado, não pode comandar nada nem dispor do que quer que fosse. Tudo depende da linha. Esta é uma verdade incontestável.

O Presidente Mao elaborou, para o nosso Partido, a linha e os princípios políticos fundamentais para todo o período histórico do socialismo, e definiu, além disso, as linhas e medidas políticas particulares, a aplicar nos diversos sectores do trabalho concreto. Devemos, nas nossas actividades, prestar grande atenção não só às linhas e medidas políticas do Partido para um trabalho específico, mas, também e sobretudo, à sua linha e princípios políticos fundamentais. É esta a garantia essencial que permite ao nosso Partido alcançar vitórias ainda maiores.

O Presidente Mao fez o balanço da experiência adquirida nas dez lutas entre as duas linhas no seio do Partido, nomeadamente na luta que conduziu ao esmagamento da clique antipartido de Lin Piao, e fez apelo a todo o Partido para **«praticar o marxismo e não o revisionismo; trabalhar para a unidade e não para a cisão; fazer voto de franqueza e de justiça e não tramar complots e intrigas»**. Indicou-nos, assim, o critério para distinguir a linha justa e a linha errónea e definiu os três princípios fundamentais que cada comunista deve observar. Cada um dos nossos camaradas deve gravar na memória estes três princípios, ater-se à sua firme aplicação e conduzir activa e correctamente a luta entre as duas linhas no seio do Partido.

O Presidente Mao ensina-nos constantemente que é preciso prestar atenção ao facto de que uma tendência encobre uma outra. A oposição ao oportunismo de direita de Tchen Tou-siou, que preconizava a «união sem luta», encobria o oportunismo «de esquerda» de Wan Ming — a «luta sem união». A correcção do desvio «de esquerda» de Wang Ming, encobria o desvio da direita de Wang Ming. E a luta contra o revisionismo de Liou Chao-chi encobria o Lin Piao. Aconteceu muitas vezes, na história, que uma tendência encobria uma outra, e quando uma corrente acabava de se manifestar, a maioria seguia-a, enquanto só alguns conseguiam resistir-lhe. Hoje, na luta, tanto no plano internacional como no plano interno, podem surgir tendências semelhantes a estas que é necessário travar contra a burguesia, quando se estabelece uma união com ela, ou em esquecer que é ainda possível, em dadas condições, realizar a união com a burguesia depois de se ter rompido com ela. Devemos esforçar-nos, tanto quanto possível, por descobri-las e corrigi-las a tempo; quando uma tendência errónea se manifesta com a violência de um maremoto, é preciso não ter medo de ficar isolado, é preciso ter a audácia de ir a contra-corrente e resistir custe o que custar. O Presidente Mao disse: **«Ir a contra-corrente é um princípio do marxismo-leninismo»**. O Presidente Mao é precisamente o representante dessa atitude, no decorrer das dez lutas entre as duas linhas, no seio do Partido; é o educador que, nestas lutas, teve a audácia de ir a contra-corrente e de manter a linha justa. Cada um dos nossos camaradas deve tomar o exemplo do Presidente Mao e ater-se a este princípio.

À luz da justa linha representada pelo Presidente Mao, o grande, glorioso e justo Partido comunista chinês suportou longas provas de força com os inimigos de classe, armados e não armados, declarados e dissimulados, que se encontravam dentro ou fora do Partido, no interior do país ou no estrangeiro. O nosso Partido não se dividiu, não foi vencido. Pelo contrário, a linha marxista-leninista do Presidente Mao desenvolveu-se ainda mais, o nosso Partido ganhou em força. A experiên-

cia histórica dá-nos esta certeza: **«Este Partido é o nosso e tem futuro».** Como tinha previsto o Presidente Mao, **«Se a direita desencadear um golpe de estado anticomunista na China, posso afirmar que nunca mais alcançará a tranquilidade; é mesmo muito provável que o seu regime seja de curta duração, porque os revolucionários, representando os interesses do povo, que constitui mais de 90 % da população, não o deixarão fazer».** Uma vez que todo o nosso Partido guarda firmemente no espírito as experiências históricas e se atém à justa linha do Presidente Mao, todos os complots de restauração da burguesia estão votados ao malogro. Por numerosas e importantes que sejam as lutas que possam ainda rebentar entre as duas linhas, as leis da história não poderão ser modificadas e a revolução chinesa, bem como a revolução mundial, alcançarão finalmente a vitória.

A situação actual e as nossas tarefas

O Presidente Mao tem-nos ensinado constantemente que estamos ainda na época do imperialismo e da revolução proletária. Baseando-se nos princípios fundamentais do marxismo, Lenine submeteu o imperialismo a uma análise científica; considerava que o **«imperialismo é o estádio supremo do capitalismo».** Indicou que o imperialismo é o capitalismo monopolista, o capitalismo parasitário ou apodrecido, o capitalismo agonizante, e que o imperialismo traz o agravamento extremo de todas as contradições do capitalismo. Por consequência, sustentava que **«o imperialismo é a véspera da revolução social do proletariado»,** e formulou a teoria e as tácticas referentes à revolução proletária da época do imperialismo. Staline disse: **«o leninismo é o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária».** Isto é perfeitamente justo. Depois da

morte de Lenine, grandes modificações ocorreram na situação mundial; mas a época não mudou e os princípios fundamentais do leninismo não estão caducos, continuam a ser o fundamento teórico segundo o qual se guia hoje o nosso pensamento.

No presente, a situação internacional é marcada por grandes levantamentos em todo o mundo. «Quando a tempestade se aproxima, o vento agita a bandeira.» É assim que na hora actual se manifestam as diversas contradições fundamentais do mundo, de que Lenine fez a análise. A acalmia é um fenómeno temporário e superficial, enquanto grandes levantamentos continuarão a produzir-se. Estes levantamentos são um bem e não um mal para os povos. Mergulharam o inimigo no caos e provocaram uma divisão nas suas hostes; ao mesmo tempo, despertaram os povos e tornaram-nos aguerridos. Sob o seu impulso, a situação internacional evoluiu num sentido ainda mais favorável aos povos e desfavorável ao imperialismo, ao revisionismo moderno e à reacção dos diferentes países.

A tomada de consciência do terceiro mundo e o aumento da sua força constituem um acontecimento de grande importância nas relações internacionais do nosso tempo. O terceiro mundo cerrou fileiras na luta contra a hegemonia e a política do mais forte, praticadas pelas superpotências, e desempenha um papel crescente nos assuntos internacionais. As grandiosas vitórias alcançadas pelos três povos, do Vietnam, do Laos e do Camboja, na sua guerra de resistência à agressão americana, pela salvação nacional, encorajam poderosamente os povos do mundo na sua luta revolucionária contra o imperalismo e o colonialismo. Uma nova situação surgiu na luta do povo coreano pela reunificação independente e pacífica da pátria. A luta conduzida pelo povo palestiniano e pelos outros povos árabes, contra a agressão do sionismo israe-

lita, a luta dos povos africanos contra o colonialismo e a discriminação racial, assim como a luta pertinaz travada pelos povos latino-americanos, para o estabelecimento das águas territoriais ou das zonas económicas a 200 milhas marítimas, continuam todas em evolução. A luta conduzida pelos povos da Ásia, da África e da América latina, para conquistar e defender a independência nacional, preservar a soberania do Estado e os recursos nacionais, continua a desenvolver-se em extensão e profundidade. A justa luta do terceiro mundo e as que mantêm os povos da Europa, da América do Norte e da Oceania apoiam-se e encorajam-se mutuamente. Os países querem a independência, as nações a libertação e os povos a revolução; e isto tornou-se uma corrente irresistível da história.

Lenine disse: «**A essência própria do imperialismo é a rivalidade de várias grandes potências tendendo para a hegemonia.**» Hoje, são nomeadamente os Estados Unidos e a União Soviética, essas duas superpotências nucleares, que disputam a hegemonia. Pregam por toda a parte o desarmamento, mas, de facto, expandem constantemente o armamento; o seu fim é disputar a hegemonia do mundo. Disputam-na colaborando. E quando entram em conluio têm em vista uma rivalidade ainda mais feroz. A rivalidade é absoluta e de longa duração, enquanto que o conluio é relativo e temporário. A proclamação do «ano da Europa» e a realização da conferência de segurança europeia demonstram que, no plano estratégico, o ponto chave da sua rivalidade é a Europa. O Oeste procura invariavelmente empurrar o revisionismo soviético em direcção a Este, em dirigir este flagelo sobre a China; tudo iria então pelo melhor se a Oeste não houvesse nada de novo. A China é como que um pedaço de carne de engodo que todo o mundo cobiça, mas é uma carne muito dura e há anos que ninguém lhe

pode ferrar os dentes. E como o «super-espião» Lin Piao caíu, é ainda mais difícil feri-la. Na hora actual, o revisionismo soviético, «faz algazarra a este, atacando sempre a oeste»; entrega-se a uma rivalidade crescente na Europa e acelera a sua expansão no Mediterrâneo, no Oceano Índico e em todos os lugares onde possa lançar os seus tentáculos. A rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, tendente à hegemonia, é a causa da falta de tranquilidade no mundo. Nenhuma das falsas aparências que eles criaram poderia dissimulá-lo, e disto se deram conta um número crescente de povos e de países; esta rivalidade chocou com uma resistência vigorosa da parte do terceiro mundo e suscitou o descontentamento do Japão e dos países da Europa ocidental. Assaltadas de dificuldades tanto no interior como no exterior, as duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, vivem dias cada vez mais difíceis. «A flor murchou e nada se pode fazer». Este verso traduz bem a situação em que eles se encontram. As entrevistas americano-soviéticas, de Junho último, e a situação posterior, dão-nos disso uma prova ainda mais convincente.

«**O povo, só o povo, é a força motriz, o criador da história universal.**» Uma coisa é o que as duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética, alimentam. Outra, é a questão de saber se estão à altura de o realizar. Queriam devorar a China, mas não têm meios de a ferir, nem de ferir a Europa e o Japão, sem falar do vasto terceiro mundo. Vencido na guerra de agressão contra a Coreia, o imperialismo americano viu, desde logo, aumentar o seu declínio; admitiu publicamente a sua crescente decadência e foi obrigado a retirar-se do Vietnam. A clique dirigente revisionista soviética, de Khroutchev a Breznev, fez degenerar, no decorrer dos últimos 20 anos, um Estado socialista num Estado social-

-imperialista. No interior, restaurou o capitalismo, exerceu uma ditadura fascista, e submeteu à escravatura o povo das diferentes nacionalidades, se bem que as contradições, política, económica e nacional, se exacerbem de dia para dia; no exterior invadiu e ocupou a Checoslováquia, concentrou tropas ao longo da fronteira chinesa, mandou estacionar tropas na República popular da Mongólia, deu o seu apoio à clique traidora de Lon Nol e reprimiu a revolta dos trabalhadores polacos; imiscuiu-se nos negócios do Egípto, o que acarretou a expulsão dos seus especialistas, desmembrou o Paquistão e empreendeu actividades subversivas em numerosos países da Ásia e da África. Tantos foram os actos praticados, que projectaram uma luz clara na sua face hedionda de novo tzar, na sua natureza reaccionária: **«socialismo em palavras, imperialismo nos factos.»** Quanto mais patifarias e infâmias comete o revisionismo soviético, mais próximo estará o dia em que se verá relegado para o museu da História pelo povo soviético e pelos outros povos do mundo.

Recentemente, a clique do renegado Breznev divulgou um montão de absurdos àcerca do problema das relações sino-soviéticas, alegando que a China é contra a paz internacional, não deseja um melhoramento das relações sino-soviéticas, etc. Fez estas declarações pensando no povo soviético e nos outros povos do mundo, com o objectivo de assestar um golpe nos seus sentimentos amigáveis para com o povo chinês e dissimular a sua verdadeira face de novo tzar. Fê-las ainda, e sobretudo, pensando nos capitalistas monopolistas, na esperança de ser mais bem paga pelos méritos adquiridos na sua oposição à China e ao comunismo. É o velho jogo de Hitler, com a única diferença de ser executado por Breznev de um modo ainda mais desajeitado. Já que desejais uma acalmia da situação mundial, porque não provar a vossa sinceridade

com uma ou duas acções, por exemplo, retirando as vossas tropas da Checoslováquia ou da República popular da Mongólia, restituindo ao Japão as suas quatro ilhas setentrionais? A China, que não invadiu nem ocupou território de outros países, deveria ceder aos revisionistas soviéticos os territórios chineses situados a norte da Grande Muralha, para mostrar que é a favor da paz internacional e deseja melhorar as relações sino-soviéticas? O povo chinês não se deixará enganar nem intimidar. As controvérsias entre a China e a União Soviética sobre as questões de princípio não devem impedir a normalização das relações de Estado para Estado, na base dos cinco princípios da coexistência pacífica, e a questão da fronteira sino-soviética deve ser regulada pacificamente, por meio de negociações orientadas ao abrigo de qualquer ameaça. **«Se não nos atacarem, não atacaremos, mas se nos atacarem, contratacaremos.»** É um princípio que desde sempre observamos. Só temos uma palavra.

Não podemos deixar de sublinhar aqui que importa fazer a distinção entre o conluio e os compromissos assumidos entre o revisionismo soviético e o imperialismo americano e, por outro lado, os compromissos necessários que os países revolucionários assumam com os países imperialistas. Lenine disse: **«Há compromissos e compromissos. É preciso saber analisar a situação e as condições concretas de cada compromisso ou de cada variedade de compromisso. É preciso aprender a distinguir entre o homem que deu dinheiro e armas aos bandidos para diminuir o mal causado por estes e facilitar a sua captura e execução, e o homem que dá dinheiro e armas aos bandidos, a fim de participar na partilha dos despojos.»** (A Doença Infantil do comunismo, o «esquerdismo»). O tratado de Brest-Litovsk concluído por Lenine com o imperialismo alemão pertence à primeira categoria, enquanto

que as atitudes concretas e os gestos de Khroutchev e Breznev, que traíram Lenine, pertencem à segunda.

Lenine repetiu muitas vezes que o imperalismo é a agressão e a guerra. Na sua declaração, de 20 de Maio de 1970, o Presidente Mao assinalou: **«O perigo de uma nova guerra mundial permanece, e os povos do mundo devem estar preparados para ela. Mas hoje, no mundo, a tendência principal é a revolução.»** Quanto mais os povos do mundo, que devem ser cada vez mais conscientes, discernirem nitidamente a orientação a seguir, redobrarem de vigilância, reforçarem a sua solidariedade e perseverarem na luta, tanto mais será possível conjurar a guerra. Se o imperialismo desencadeasse uma guerra contra tudo e todos, esta não poderia senão provocar, à escala mundial, revoluções de maior envergadura e acelerar assim a sua própria ruína.

Agora, que uma situação excelente reina, tanto no interior, como no exterior do país, é de uma grande importância levar a bom êxito as tarefas da China. Assim, no plano internacional, o nosso Partido deve ater-se ao internacionalismo proletário e à sua política consequente, unir-se mais estreitamente com o proletariado, com os povos e nações oprimidas do mundo, com todos os países vítimas da agressão, da subversão, da intervenção, do controle e dos vexames do imperialismo, para formar a maior frente unida possível contra o imperialismo, o colonialismo e o neo-colonialismo, em particular contra a hegemonia das duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética. Devemos unir-nos com todos os partidos e grupos marxistas-leninistas autênticos do mundo, para conduzir até ao fim a luta contra o revisionismo moderno. No plano interno, devemos seguir a linha e os princípios políticos fundamentais definidos pelo Partido para todo o período histórico do socialismo, perseverar na

continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, unir todas as forças susceptíveis de serem unidas e trabalhar para fazer do nosso país um poderoso Estado socialista, a fim de trazer uma contribuição maior à humanidade.

Devemos permanecer indefectivelmente fiéis a estes ensinamentos do Presidente Mao: **«Preparar-se na previsão de uma guerra e de calamidades naturais e fazer tudo no interesse do povo», «cavar profundos subterrâneos, formar por todos os lados reservas de cereais e não pretender nunca a hegemonia»,** manter uma vigilância atenta e estar plenamente preparados para o deflagrar eventual de uma guerra de agressão do imperialismo e, sobretudo, para o deflagrar de um ataque surpresa do social-imperialismo revisionista soviético contra o nosso país. Que o heróico Exército popular de Libertação e as grandes massas da milícia popular se mantenham constantemente prontos a aniquilar todo o inimigo intruso.

A província de Taiwan faz parte do território sagrado da nossa pátria; os seus habitantes são nossos compatriotas, estão-nos ligados pela carne e pelo sangue. Sentimos por eles uma solicitude sem limites. Os nossos compatriotas de Taiwan amam ardentemente a pátria e estão-lhe firmemente ligados. Só o regresso aos braços da pátria lhes poderá assegurar um futuro radioso. Taiwan será libertada. A nossa grande pátria será reunificada. Este é o desejo comum e o dever sagrado do povo chinês de todas as nacionalidades, incluindo os nossos compatriotas de Taiwan. Trabalharemos conjuntamente para alcançar este objectivo.

Camaradas,

Devemos ter sempre em conta que, embora tendo obtido grandes sucessos na revolução e na edificação socialistas, estamos sempre atrasados relativamente ao que a situação objec-

tiva espera de nós. A tarefa da revolução socialista na China continua a ser muito pesada; no domínio da luta-crítica-reforma, a Grande Revolução cultural proletária deve ser prosseguida em profundidade em todas as frentes. Precisamos ainda de desenvolver esforços a fim de remediar insuficiências e erros, assim como certas tendências nefastas que existem no nosso trabalho. Todo o Partido deve compreender a ocasião propícia que se apresenta actualmente para consolidar e desenvolver os conhecimentos adquiridos na Grande Revolução cultural proletária e levar a bom termo o trabalho nos diferentes domínios.

Em primeiro lugar, é preciso continuar a assegurar o bom desenvolvimento do movimento de crítica a Lin Piao e a rectificação do estilo de trabalho. Devemos tirar pleno partido deste exercício, pelo exemplo negativo que é a clique antipartido de Lin Piao, a fim de prosseguir, em todo o Partido, em todo o Exército e entre o povo das nossas nacionalidades, a educação, no aspecto da luta de classes e da luta entre as duas linhas, criticar o revisionismo e a concepção burguesa do mundo, a fim de que as grandes massas possam aprender as experiências históricas das dez lutas que se desenrolaram entre as duas linhas no seio do nosso Partido, penetrar ainda melhor nas características e nas leis da luta de classes e na luta entre as duas linhas, no período da revolução socialista na China, e adquirir uma melhor aptidão para distinguir o verdadeiro marxismo do falso.

Todos os membros do Partido devem estudar conscienciosamente as obras de Marx Engels, Lenine e Staline, e as do presidente Mao, aderir firmemente ao materialismo dialético e ao materialismo histórico, combater o idealismo e a metafísica e transformar a sua concepção do mundo. Os quadros superiores em particular, devem **«ler e estudar conscienciosamente para conhecer a fundo o marxismo»**, esforçar-se por assimilar as teorias fundamentais do marxismo, conhecer a história da luta que opõe o marxismo ao revisionismo, velho e novo, e ao oportunismo de todas as espécies, compreender como o Presidente Mao continuou, salvaguardou e desenvolveu o marxismo-leninismo, unindo a verdade universal do marxismo-leninismo à prática concreta da revolução. Esperamos que graças aos esforços que sustentou, **«a massa dos nossos quadros e do nosso povo acabe por se armar das teorias fundamentais do marxismo.»**

É preciso dar toda a importância à luta de classes no domínio da superestrutura, incluindo os diferentes sectores culturais, e reformar tudo o que, no nível da superestrutura, não corresponda à infraestrutura económica. É preciso encontrar uma solução justa para os dois tipos de contradições de natureza diferente. É preciso continuar a aplicar conscienciosamente as diversas medidas políticas proletárias definidas pelo Presidente Mao. É preciso prosseguir e conduzir bem a revolução em matéria de literatura e de arte, assim como a revolução no ensino e na saúde pública, assegurar o bom desenvolvimento no trabalho, no que respeita aos jovens instruídos que vão para as regiões rurais, fazer funcionar bem as escolas de quadros do «7 de Maio», e apoiar as coisas novas, socialistas.

Do ponto de vista económico, o nosso país é ainda um país pobre, um país em vias de desenvolvimento. Devemos aplicar sem interrupção a linha geral que consiste em **edificar o socialismo segundo os seguintes princípios: desdobrar todos os nossos esforços, ir sempre na vanguarda; quantidade, rapidez, qualidade, economia**; devemos fazer a revolução e promover a produção. É preciso continuar a pôr em prática o princípio de **«tomar a agricultura como base e a indústria como factor dominante»**, assim como toda a série de medi-

das políticas apelando a marchar sobre as duas pernas e a edificar o país com diligência e economia, segundo os seguintes princípios: independência e autonomia, contar com as próprias forças e trabalhar duro. Marx indicou «...**o maior poder produtivo é a própria classe revolucionária.**» Uma experiência fundamental que adquirimos na edificação socialista, há mais de 20 anos, foi a de nos apoiarmos nas massas. Que a indústria tome o exemplo da exploração petrolífera de Taking (*) e que a agricultura tome o exemplo da brigada de produção de Tatchai (**), isto significa que é preciso insistir na necessidade de colocar a política proletária no lugar de comando, conduzir um vasto movimento de massa, captar totalmente o ardor, a sabedoria e o espírito criador das grandes massas e, nesta base, reforçar a planificação e a cooperação, aperfeiçoar os regulamentos racionais, aproveitar melhor a iniciativa, não só das autoridades centrais como das autoridades locais. As organizações do Partido devem prestar especial atenção ao problema da política económica, preocupar-se com a vida das massas, proceder conscienciosamente a inquéritos e pesquisas, cumprir e ultrapassar efectivamente o plano elaborado pelo Estado para o desenvolvimento da economia nacional, a fim de imprimir um impulso ainda maior à economia socialista do nosso país.

É preciso reforçar ainda mais a direcção única do Partido. **Dos sete sectores seguintes: a indústria, a agricultura, o comércio, a cultura e o ensino, o Exército, o governo e o Partido, é o Partido que exerce a sua direcção em tudo.** Os comités do Partido nos diferentes escalões, devem estudar «Reforçar o sistema do comité do Partido», «Métodos de trabalho dos comités do Partido» e outros escritos do Presidente Mao, fazer o balanço da experiência adquirida e reforçar ainda mais a direcção única do Partido, no plano ideológico e organizativo, assim como o capítulo dos regulamentos. Ao mesmo tempo, convém fazer desempenhar aos comités revolucionários e às diferentes organizações de massa o papel que lhes compete. É preciso reforçar a direcção nas organizações de base a fim de que aí o poder esteja realmente nas mãos dos marxistas, dos operários, dos camponeses pobres e meios pobres, assim como nas dos outros trabalhadores, e que a tarefa de consolidar a ditadura do proletariado seja realizada em cada unidade de base. Em todos os escalões, os comités do Partido devem aplicar ainda melhor o centralismo democrático e elevar o nível da arte de dirigir. Convém sublinhar que um número não desprezível de comités do Partido se perde em pequenas tarefas quotidianas e não presta atenção aos problemas de maior importância. Este estado de coisas é muito perigoso. Se não se corrigirem, descambarão inevitavelmente para a via do revisionismo. Esperamos que todos os camaradas do Partido, os camaradas dirigentes em particular, se porão em guarda contra esta tendência e se empenhem em fazer desaparecer este estilo de trabalho.

A experiência da tripla união, dos velhos, das pessoas de meia-idade e dos jovens, que é uma criação das grandes massas no decorrer da Grande Revolução cultural proletária, assegurou condições favoráveis para a formação de milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado, segundo o critério dos cinco pontos, definido pelo Presidente Mao acerca deste assunto. As organizações

---

(*) Exemplo de vanguarda da indústria chinesa. (N. T.)

(**) Exemplo de vanguarda da agricultura chinesa. (N. T.)

do Partido nos diferentes escalões devem agir de tal modo que este problema de importância primordial esteja constantemente inscrito na ordem do dia. O Presidente Mao disse: **«É sempre nas grandes tempestades que surgem os continuadores da grande revolução proletária».** Temos que nos temperar na luta de classes e na luta entre as duas linhas, educar-nos pela experiência nos seus aspectos positivo e negativo. Eis porque um verdadeiro comunista deve estar sempre pronto para assumir funções de um modo capaz, tanto no topo como na base, para suportar várias vezes este género de prova. Os quadros, quer sejam novos ou velhos, devem ligar-se estritamente às massas, ser modestos e prudentes, guardar-se de toda a presunção e precipitação, assumir qualquer posto desde o momento que isto responda às necessidades do Partido e do povo e aplicar com firmeza, não importa em que circunstâncias, a linha revolucionária e os princípios políticos definidos pelo Presidente Mao.

Camaradas, o X Congresso do Partido terá uma influência profunda e duradoira na história do desenvolvimento do nosso Partido. Reuniremos em breve a IV Assembleia popular nacional. Todo o povo chinês, e os outros povos revolucionários do mundo, põem grandes esperanças no nosso Partido e no nosso país. Estamos convencidos de que, sob a direcção do Presidente Mao, todo o Partido se apoiará na sua linha revolucionária e realizará bem o seu trabalho, para não desiludir a esperança que o povo de todo o país e os povos de todo o mundo têm em nós!

O futuro é radioso, mas a via é sinuosa. Que todo o Partido se una, que o povo de todas as nacionalidades se una, que **se armem de determinação, não recuem diante de nenhum sacrifício e ultrapassem todas as dificuldades para alcançar a vitória!**

Viva o grande, glorioso e justo Partido comunista chinês!

Viva o marxismo, o leninismo, o pensamento maotsétung!

Viva o Presidente Mao, que viva por muito tempo!

Wang Hong-wen

RELATÓRIO SOBRE A MODIFICAÇÃO DOS ESTATUTOS DO PARTIDO

(Apresentado a 24 de Agosto ao X Congresso do Partido comunista chinês e aprovado a 28 de Agosto de 1973)

Camaradas,

Mandatado pelo Comité central do Partido, vou fazer-vos uma exposição sucinta sobre o problema da modificação dos Estatutos do nosso Partido.

Segundo as instruções do Presidente Mao e do Comité central do Partido acerca da modificação dos Estatutos do Partido, a conferência de trabalho do Comité central, realizada em Maio último, examinou o problema da modificação dos Estatutos do Partido, adoptados pelo IX Congresso. Depois desta conferência, os comités do Partido das províncias, dos municípios directamente subordinados às autoridades centrais e das regiões autónomas, os comités do Partido das grandes regiões militares e das organizações do Partido dependentes directamente do Comité central constituíram grupos para a modificação dos Estatutos do Partido; recolheram amplamente as sugestões das massas, tanto no

seio do Partido como fora dele, e submeteram oficialmente ao Comité central 41 projectos de modificação. Ao mesmo tempo, as massas das diferentes regiões, tanto dentro do Partido como fora, fizeram chegar directamente ao Comité central do Partido numerosas sugestões de modificação. O projecto de modificação que é agora submetido ao exame do Congresso foi elaborado de acordo com as propostas concretas do Presidente Mao acerca da modificação dos Estatutos do Partido e na base de um estudo sério dos projectos de modificação e das sujestões oriundas das diferentes regiões.

Todos os camaradas do Partido foram unânimes em considerar, no decorrer das discussões sobre a modificação dos Estatutos do Partido, que, desde o IX Congresso do nosso Partido, todo o Partido, todo o Exército e todo o povo, guiados pela linha do IX Congresso, definida sob a direcção pessoal do Presidente Mao, aprofundaram a luta-crítica-reforma, no quadro da Grande Revolução cultural proletária, esmagaram a clique antipartido de Lin Piao e alcançaram grandes vitórias em todos os domínios da luta, conduzida no interior do país e no plano internacional. A prática, de há quatro anos a esta parte, prova plenamente que a linha política e a linha organizativa do IX Congresso são justas. Os Estatutos do Partido, adoptados pelo IX Congresso, mantiveram os princípios fundamentais que foram sempre observados pelo nosso Partido, reflectiram a nossa experiência adquirida na Grande Revolução cultural proletária e representaram um papel positivo na vida política do Partido, do Exército e do povo de todo o país. As disposições dos Estatutos adoptados pelo IX Congresso, acerca da natureza, do pensamento director, do programa fundamental e da linha fundamental do nosso Partido são mantidos no programa geral do projecto de modificação, com algumas mudanças de estrutura e de conteúdo. Não há muitas modificações nos capítulos dos artigos. O texto é um pouco menos longo no seu todo. O parágrafo acerca de Lin Piao, que figura no programa geral dos Estatutos do Partido adoptado pelo IX Congresso, foi completamente suprimido. Esta é uma exigência unânime de todo o nosso Partido, de todo o nosso Exército e de todo o nosso povo; é também a consequência inevitável da traição de Lin Piao para com o Partido e com o povo.

Comparado com os Estatutos do Partido adoptados pelo IX Congresso, o projecto de modificação tem essencialmente um conteúdo mais substancial na parte referente à experiência adquirida no decorrer da luta entre as duas linhas; é também um traço comum dos projectos de modificação vindos das diferentes regiões. Sob a direcção do Presidente Mao, o nosso Partido saiu vencedor das dez importantes lutas entre as duas linhas e acumulou uma rica experiência, ao triunfar das linhas oportunistas de direita e «de esquerda», experiência que é do maior valor para todo o Partido. O Presidente Mao sublinhou: **«para conduzir a revolução à vitória, um partido deve apoiar-se na justeza da sua linha política e na solidez da sua organização.»** Todos os camaradas do Partido devem prestar a maior atenção à questão da linha, perseverar na continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, reforçar a edificação do Partido e assegurar a realização da linha fundamental do Partido para o período histórico do socialismo.

Em primeiro lugar, o que diz respeito à Grande Revolução cultural proletária. A Grande Revolução cultural proletária é uma grande revolução política que o proletariado conduz, nas condições do socialismo, contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras e é também um movimento profundo de consolidação do Partido. No decorrer da

Grande Revolução cultural proletária, todo o Partido, todo o Exército e todo o povo, sob a condução do Presidente Mao, destruiram os dois quartéis generais da burguesia, tendo um, Liou Chao-chi por chefe de fila, e o outro, Lin Piao, assestando assim um rude golpe em todas as forças reaccionárias do exterior e do interior do país. **A Grande Revolução cultural proletária em curso é inteiramente indispensável e não pode ser mais oportuna para consolidar a ditadura do proletariado.** O projecto de modificação consagra perfeitamente as grandes vitórias, assim como o importante significado desta revolução, precisando em termos explícitos: «Uma tal revolução deverá ainda ser realizada, numerosas vezes, no futuro.» A experiência histórica ensina-nos que, não só no plano interno, a luta entre as duas classes e entre as duas vias, que se desenrola na sociedade, encontra inevitavelmente o seu reflexo no seio do Partido, mas ensina-nos ainda que, no plano internacional, o imperialismo e o social-imperialismo procuram necessariamente recrutar agentes no seio do nosso Partido, com o objectivo da agressão e da subversão contra o nosso país. Em 1966, quando a Grande Revolução Cultural proletária acabava de começar, o Presidente Mao sublinhou: «**A desordem na Terra engendra a ordem na Terra. Ao cabo de sete ou oito anos isto recomeça. Os génios daninhos ressurgem, por si próprios, em cena. Isto está determinado pela sua natureza de classe e não podem agir de outro modo.**» A realidade da luta de classes confirmou, e continuará a confirmar, esta lei objectiva trazida à luz pelo Presidente Mao. Devemos redrobar de vigilância e compreender que esta luta será longa e complexa. Para poder consolidar sem descanso a ditadura do proletariado e arrancar novas vitórias para a causa do socialismo, é preciso prosseguir a revolução socialista em profundidade, nos domínios ideológico, político e económico, reformar tudo o que ao nível da superestrutura não corresponda à infraestrutura económica do socialismo e realizar ainda, numerosas vezes, grandes revoluções políticas do género da Grande Revolução cultural proletária.

Em segundo lugar, ater-se aos princípios seguintes: «**praticar o marxismo e não o revisionismo; trabalhar para a unidade e não para a cisão; fazer voto de franqueza e de justiça e não tramar complots e intrigas.**» Destes três princípios, formulados pelo Presidente Mao, àcerca do que é necessário fazer e não fazer, o mais importante é o de praticar o marxismo e não o revisionismo. Quem pratica o marxismo e serve de todo o coração os interesses da imensa maioria da população da China e do mundo, trabalha necessariamente para a unidade e faz prova de franqueza e de justiça; quem pratica o revisionismo e serve exclusivamente os elementos das classes exploradoras, que são uma minoria, trabalha necessariamente para a cisão e trama complots e intrigas. O revisionismo é uma corrente ideológica burguesa, que tem um carácter internacional. Os revisionistas são agentes que a burguesia, assim como o imperialismo, o revisionismo e a reacção, implantaram no nosso Partido, quer infiltrando-os nas nossas fileiras, quer recrutando-os nele. Liou Chao-chi, Lin Piao e seus pares, esses arrivistas, conspiradores, indivíduos de duas caras e responsáveis do Partido irredutivelmente comprometidos na via capitalista, são da mesma natureza, se bem que se tenham manifestado sob aparências diferentes. São todos chefes de fila, na prática, do revisionismo; nos planos ideológico e político, assim como na vida privada, estão radicalmente aburguesados, apodreceram até à medula. O Presidente Mao disse: «**O revisionismo no poder é a burguesia no poder.**» Isto é perfeitamente exacto. Em conformidade com as

sugestões recebidas das diferentes regiões, os princípios que formulam o que é necessário fazer e não fazer estão incluídos no programa geral do projecto de modificação. De acordo com a opinião formulada por camaradas operários, camponeses e soldados, na reunião tida em Pequim para discutir a modificação dos Estatutos do Partido e nas propostas emanadas de certas províncias e cidades, acrescentou-se a fórmula «criticar o revisionismo» à primeira das cláusulas referentes aos deveres dos membros do Partido e à primeira das disposições relativas às tarefas das organizações de base do Partido. No revisionismo reside actualmente o perigo principal. O estudo do marxismo e a crítica do revisionismo são, para nós, uma tarefa a longo prazo, com vista a reforçar a edificação do Partido no plano ideológico.

Em terceiro lugar, é preciso estar animado de espírito revolucionário, que consiste em ousar ir a contra-corrente. O Presidente Mao indicou: **Ir a contra-corrente é um princípio do marxismo-leninismo.** Durante discussões sobre a modificação dos Estatutos do Partido, muitos camaradas, evocando a história do Partido e a sua própria experiência, notaram que se tratava de uma questão da maior importância na luta entre as duas linhas no seio do Partido. No primeiro período da revolução democrática, a linha errónea predominou várias vezes no seio do nosso Partido e, durante o segundo período da revolução democrática e no período da revolução socialista, enquanto a linha justa de que o Presidente Mao é o representante, ocupava um lugar preponderante, aconteceu que uma certa linha errónea, ou um certo ponto de vista erróneo foi, em dado momento, considerado e mantido, por muita gente, como qualquer coisa de justo, e isso foi para nós uma lição. A linha justa de que o Presidente Mao é o representante, travou fortes lutas contra todas estas posições erróneas e triunfou. Quando se trata da linha, quando é a situação no seu todo que está em causa, um verdadeiro comunista deve agir sem nenhuma consideração egoísta e ousar ir a contra-corrente, sem temor de ser destituído, excluído do Partido, preso, compelido à separação ou passado pelas armas.

Certamente que, perante uma corrente errónea, surge a questão não apenas de saber se se ousa combatê-la ou não, mas ainda se se é capaz de a reconhecer. A luta de classes e a luta entre as duas linhas no período histórico do socialismo são extremamente complexas. Quando uma tendência está dissimulada por uma outra, acontece frequentes vezes que muitos camaradas não se preparam para isso, enquanto que os que urdem complots e intrigas se empenham deliberadamente em criar falsas aparências, tão bem que nos é muito mais difícil discerni-la. Graças às discussões, numerosos camaradas chegaram à conclusão de que, do ponto de vista do materialismo dialético, tudo o que é objectivo é cognoscível. **«Quando os nossos olhos se revelam insuficientes, é preciso recorrer ao binóculo e ao microscópio. O método marxista é ao mesmo tempo um binóculo e um microscópio em política e no domínio militar.»** Quanto mais se estuda com assiduidade as obras de Marx, Engels, Lenine e de Staline, e as do Presidente Mao, tanto mais se toma parte activa na prática da luta e maior é o esforço para se transformar a concepção do mundo, mais preparado se está para adquirir, sem tréguas, uma capacidade sempre maior para fazer a distinção entre o verdadeiro marxismo e o falso, entre a linha justa e a linha errónea, entre as concepções justas e as concepções erróneas.

No decorrer da luta devemos estudar a teoria do Presidente Mao sobre a luta entre as duas linhas e inspirar-nos na sua prática; devemos não só ser firmes nos princípios, mas

também aplicar uma política justa, estabelecer uma distinção clara entre os dois tipos de contradições de natureza diferente, procurar unir o maior número possível de elementos do Partido e observar a sua disciplina.

Em quarto lugar, é preciso formar milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado na luta conduzida pelas massas. O Presidente Mao disse: **«Para termos a certeza de que o nosso Partido e o nosso país não mudarão de cor, devemos ter não só uma linha e uma política justas, mas educar e formar milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado.»** Não se trata aqui de formar um ou dois, mas sim milhões. Semelhante tarefa não pode ser cumprida sem que todo o Partido lhe dê a importância devida. No decorrer das discussões sobre a modificação dos Estatutos do Partido, muitos velhos camaradas exprimiram o vivo desejo de trabalhar ainda melhor na formação destes continuadores, para que haja sucessores capazes de prosseguir a causa revolucionária do proletariado, inaugurada pelo nosso Partido sob a direcção do Presidente Mao. Por seu lado, muitos camaradas jovens declararam com entusiasmo que deviam, com toda a modéstia, seguir o exemplo das qualidades próprias dos velhos quadros que, temperados por longos anos de guerra revolucionária e de luta revolucionária, são ricos em experiência, mostrando-se exigentes com eles próprios e fazendo o melhor para assegurar a sua substituição na revolução. Os quadros velhos e novos exprimiram a resolução de aprender uns com os outros, aproveitando os seus respectivos pontos fortes, e superando assim os pontos fracos. Na base das sugestões feitas neste sentido, inclui-se no programa geral do projecto de modificação uma fórmula sobre a necessidade de formar os continuadores, e, nos capítulos dos artigos, acrescentou-se uma disposição sobre a necessidade, para os organismos dirigentes nos diferentes escalões, de aplicar o princípio da tripla união, das pessoas velhas, das pessoas de meia idade e dos jovens. Devemos, de acordo com os cinco pontos estabelecidos pelo Presidente Mao para os continuadores da causa revolucionária do proletariado, aplicar-nos em seleccionar, sobretudo entre os operários e os camponeses pobres e meios pobres, os elementos mais destacados, a fim de os colocar em postos de direcção, nos diferentes escalões; deve também prestar-se atenção à formação de quadros entre as mulheres e as minorias nacionais.

Em quinto lugar, reforçar a direcção única do Partido e fazer irradiar o estilo de trabalho tradicional do Partido. O Partido político proletário é a forma suprema de organização do proletariado e deve exercer a sua direcção em tudo; isto é um princípio importante do marxismo. Adoptando as propostas formuladas por diferentes unidades, a propósito do reforço da direcção única do Partido, o projecto de modificação estipula, nos capítulos dos artigos, que os organismos do Estado, do Exército popular de Libertação e as diversas organizações revolucionárias de massa «devem submeter-se, sem excepção, à direcção única do Partido.» No plano organizativo, a direcção única do Partido deve concretizar-se em dois aspectos: Primeiro, no que concerne às relações entre as organizações do mesmo escalão, **dos sete sectores seguintes: a indústria, a agricultura, o comércio, a cultura e o ensino, o exército, o governo e o Partido, é o Partido que exerce a sua direcção em tudo;** os outros sectores não lhe devem ser paralelos, e os seus papéis ainda menos devem ser invertidos; segundo, nas relações entre os escalões superior e inferior, o escalão inferior deve submeter-se ao escalão superior e todo o Partido ao Comité central. É uma regra que foi sempre observada no nosso Partido e é preciso continuar a defendê-la. Com o fim de

reforçar a direcção única do Partido, importa não substituir a direcção exercida pelo Comité do Partido nas «reuniões conjuntas» de vários sectores. É necessário, ao mesmo tempo, agir de modo a que o Comité revolucionário, os diversos sectores e as organizações nos diferentes escalões cumpram plenamente o seu papel. O Comité do Partido deve praticar o centralismo democrático e reforçar a direcção colectiva. É preciso realizar uma ampla união das «pessoas vindas de todos os cantos do país» e não fazer particularismo montanhês. É necessário dar a todos o direito à palavra e evitar que seja um só a monopolizar este direito. Sobre a direcção única do Partido, o que é mais importante, é a direcção exercida por uma linha ideológica e política justas. Os Comités do Partido nos diferentes escalões devem, com base na linha revolucionária do Presidente Mao, trabalhar para **unificar os pontos de vista, as medidas políticas, os planos, o comando e as acções.** O estilo que comporta a união da teoria e da prática, a ligação estreita com as massas, assim como a crítica e a autocrítica, está inscrito no programa geral do projecto de modificação. Esta excelente tradição do nosso Partido, de que o Presidente Mao é o iniciador, é familiar aos comunistas da velha geração; mas, mesmo para eles, a questão põe-se em saber como continuarão a fazer irradiá-la nas novas condições históricas; para os numerosos camaradas que acabam de aderir ao Partido, é cada vez mais necessário saber como inspirar-se nela, continuá-la e desenvolvê-la. O Presidente Mao ensina-nos constantemente, citando acções realizadas pelo nosso Partido, nos anos de luta áspera e difícil, que é preciso partilhar alegrias e penas com as massas e ligar o nosso destino ao delas. Devemos pôr-nos em guarda contra a corrosão pelas ideias burguesas e contra os ataques realizados com a ajuda de granadas revestidas de açúcar, fazer

voto de modéstia e de ponderação, trabalhar duro, opormo-nos firmemente aos privilégios e trabalharmos para eliminar todas as tendências nefastas, nomeadamente a tendência dos «arranjos pela porta das traseiras».

Vou ficar por aqui àcerca da questão da necessidade de aceitar as críticas e o controle das massas. O nosso país é um Estado socialista de ditadura do proletariado. A classe trabalhadora, os camponeses pobres e meios pobres e as outras massas trabalhadoras são os donos do país. Têm direito de submeter a um controle revolucionário os quadros do nosso Partido e do nosso Estado nos diferentes escalões. Com a Grande Revolução cultural proletária, esta noção consolidou-se em todo o Partido. Mas, na hora actual, encontra-se ainda um pequeno número de quadros, nomeadamente certos quadros dirigentes, que não toleram as observações formuladas pelas massas, tanto no seio como fora do Partido; vão até ao abafar das críticas e a usar represálias, e este estado de coisas é mesmo bastante grave em certos casos individuais. A disciplina do Partido não autoriza, em nada, o recurso a este processo erróneo: «usar pressões se a persuasão é ineficaz, e sequestrar se a pressão é ineficaz», para resolver as questões existentes no seio do povo. Nos capítulos dos artigos do projecto de modificações, foi acrescentada esta frase: «É absolutamente proibido abafar a crítica e usar de represálias.» Devemos encarar este problema ao nível da luta entre as duas linhas e combater resolutamente as infracções deste género à disciplina do Partido. É preciso ter-se confiança nas massas e apoiar-se nelas, empregar regularmente esta arma que constitui a ampla e livre expressão de opiniões sob a forma de *dazibao* (*), de grandes debates e esforçar-se

(*) — Jornal de parede (N. T.).

por «**criar uma atmosfera política onde reine, ao mesmo tempo, o centralismo e a democracia, a disciplina e a liberdade, a unidade e a vontade e, em todos, um estado de espírito cheio de satisfação e de alegria, a fim de favorecer a revolução e a edificação socialista, de superar mais facilmente as dificuldades, de levar a um rítmo mais rápido a edificação de uma indústria e de uma agricultura modernas no nosso país e de tornar o nosso Partido e o nosso Estado mais sólidos e mais aptos para atravessar as tormentas e os perigos.**»

Em sexto lugar, é um princípio consequente do nosso Partido ater-se ao internacionalismo proletário. Inscreveu-se no projecto de modificação esta frase «opor-se ao chauvinismo de grande potência.» Manter-nos-emos invariavelmente ao lado do proletariado e de todos os povos revolucionários do mundo, para combater o imperialismo, o revisionismo moderno e toda a reacção, e, na hora actual, para combater muito particularmente a hegemonia das duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética. O perigo de uma nova guerra mundial permanece, e é-nos absolutamente necessário fazer todos os preparativos para resistir a uma guerra de agressão e prevenirmo-nos contra um ataque-surpresa do imperialismo e do social-imperialismo.

O Presidente Mao disse: «**Nas relações internacionais, nós, os Chineses, devemos liquidar o chauvinismo de grande potência, resolutamente, radicalmente, integralmente, totalmente.**» O nosso país tem uma população numerosa e um vasto território, rico em recursos naturais. Estamos resolvidos a torná-lo próspero e poderoso, e somos perfeitamente capazes de cumprir esta tarefa. Entretanto, devemos, em todas as circunstâncias, ater-nos ao princípio de «**não pretender a hegemonia**», e nunca sermos uma superpotência. Todos os camaradas do Partido devem guardar firmemente no espírito os ensinamentos do Presidente Mao, recomendando para nunca nos deixarmos cair na presunção, mesmo ao fim de cem anos, e de nunca nos enchermos de orgulho, mesmo depois do século XXI. Ao mesmo tempo, devemos combater no interior do país, igualmente, todas as manifestações dependendentes do «chauvinismo de grande potência», reforçar ainda mais a unidade revolucionária de todo o Partido, de todo o Exército e do povo de todas as nacionalidades, acelerar a revolução e a edificação socialistas e esforçarmo-nos por cumprir o dever internacionalista que nos cabe.

Camaradas, o nosso Partido é um grande, glorioso e justo partido. Estamos persuadidos de que, se todos os camaradas do Partido agirem de acordo com a linha política que será definida no X Congresso e com os novos Estutos do Partido que aí forem adoptados, poderemos, de certeza, tornar o nosso Partido mais poderoso e mais dinâmico. Sob a direcção do Comité central do Partido tendo à cabeça o Presidente Mao, **unamo-nos para alcançar vitórias ainda maiores!**

ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

(Adoptados a 28 de Agosto de 1973 pelo X Congresso do Partido comunista chinês)

CAPÍTULO I

PROGRAMA GERAL

O Partido comunista chinês é um partido político proletário e constitui o destacamento de vanguarda do proletariado.

O fundamento teórico segundo o qual o Partido comunista chinês guia o seu pensamento, é o marxismo, o leninismo, o pensamento maotsétung.

O pragrama fundamental do Partido comunista chinês é derrotar definitivamente a burguesia e todas as outras classes exploradoras, substituir pela ditadura do proletariado a ditadura da burguesia, assegurar o triunfo do socialismo sobre o capitalismo. O fim último do Partido é a realização do comunismo.

Sob a direcção do Partido comunista chinês o povo da China, através de uma luta árdua de mais de cinquenta anos, arrancou a vitória total da revolução de democracia nova e alcançou grandes vitórias na evolução e na edificação socialistas, assim como na Grande Revolução cultural proletária.

A sociedade socialista estende-se por um período histórico bastante longo. No decurso deste período existem sempre as classes, as contradições de classes e a luta de classes, como a luta entre a via socialista e a via capi-

talista, o perigo de uma restauração do capitalismo, assim como a ameaça de subversão e de agressão por parte do imperialismo e do social-imperialismo. Todas estas contradições só podem ser resolvidas graças à teoria da continuação da revolução sob a ditadura do proletariado e à prática guiada por esta teoria.

A Grande Revolução cultural proletária na China é precisamente uma grande revolução política que o proletariado realiza, nas condições do socialismo, contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras, com vista a consolidar a ditadura do proletariado e prevenir da restauração do capitalismo. Uma tal revolução deverá ser ainda realizada numerosas vezes no futuro.

O Partido deve apoiar-se na classe operária, consolidar a aliança dos operários e dos camponeses e dirigir o povo das nossas diversas nacionalidades na continuação dos três grandes movimentos revolucionários que são a luta de classes, a luta pela produção e a experimentação científica, a edificação do socialismo segundo os princípios: independência e autonomia; contar com as próprias forças; trabalhar duro; edificar o país com diligência e economia; desenvolver todos os esforços; ir sempre à frente; quantidade, rapidez, qualidade e economia; assim como nos preparativos empreendidos em previsão de uma guerra e das calamidades naturais, e dos esforços desenvolvidos no interesse do povo.

Firmemente consagrado ao internacionalismo proletário, o Partido comunista chinês, opõe-se ao chauvinismo de grande potência, une-se resolutamente com os partidos e grupos marxistas-leninistas autênticos do mundo inteiro, com o proletariado, com os povos e com as nações oprimidas do mundo inteiro na luta comum para combater a hegemonia das duas superpotências que são os Estados Unidos e a União Soviética, abater o imperialismo, o revisionismo moderno e toda a reacção, e conseguir a abolição, no globo, do sistema de exploração do homem pelo homem, que trará a emancipação de toda a humanidade.

O Partido comunista chinês fortificou-se e desenvolveu-se na luta contra as linhas oportunistas de direita e «de esquerda». Todos os camaradas do Partido devem armar-se de espírito revolucionário, que consiste em ousar ir a contra-corrente, e ater-se firmemente aos princípios seguintes: praticar o marxismo e não revisionismo; trabalhar para a unidade e não para a cisão; fazer voto de franqueza e de justiça, e não urdir complots e intrigas; devem saber discernir de maneira judiciosa as contradições entre nós e o inimigo das contradições no seio do povo e dar-lhes uma solução justa; devem fazer irradiar o estilo que consiste em unir a teoria à prática, ligar-se estreitamente às massas populares e praticar a crítica e a autocrítica; devem trabalhar para formar milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado. Tudo isto com vista a garantir que a causa do Partido progrida sempre segundo a linha marxista.

O futuro é radioso, mas a via é sinuosa. Os membros do Partido comunista chinês que fizeram juramento de consagrar a vida à causa do comunismo, devem armar-se de resolução, não recuar diante de nenhum sacrifício e superar todas as dificuldades para alcançar a vitória!

CAPÍTULO II

OS MEMBROS

Artigo 1

Pode ser membro do Partido comunista chinês qualquer operário, camponês pobre, camponês meio pobre, militar revolucionário ou outro revolucionário chinês, tendo dezoito anos feitos, que aceite os Estatutos do Partido, adira a uma das suas organizações e milite nela activamente, aplique as resoluções do Partido, observe a disciplina do Partido e pague as quotizações.

Artigo 2

Quem requer entrada no Partido deve seguir o processo de admissão individual, ser apresentado por dois membros do Partido e prencher um pedido de admissão; será feito um inquérito a seu respeito pela célula, que recolherá amplamente a opinião das massas no seio e fora do Partido; o pedido deve ser aceite pela assembleia geral da célula e a admissão ratificada pelo comité do Partido imediatamente superior.

Artigo 3

Todo o membro do Partido comunista chinês deve:

1) Estudar conscienciosamente o marxismo, o leninismo, o pensamento maotsétung e criticar o revisionismo;

2) Lutar pelos interesses da imensa maioria da população da China e do mundo;

3) Ser capaz de se unir com o maior número, incluindo os que, sem razão, se opuseram a ele, mas que se corrigiram sinceramente dos erros. É, no entanto, preciso estar particularmente vigilante, a fim de impedir que os arrivistas, os fabricantes de complots e os indivíduos de duas caras usurpem a direcção do Partido e do Estado, em qualquer escalão que seja, e de garantir que a direcção do Partido e do Estado nunca saia das mãos dos revolucionários marxistas;

4) Consultar as massas para qualquer problema;

5) Praticar corajosamente a crítica e a autocrítica.

Artigo 4

Se um membro cometer uma infracção à disciplina do Partido, a organização do Partido do escalão interessado, nos limites das suas atribuições e segundo o caso considerado, aplicar-lhe-á uma das seguintes sanções: advertência, censura, destituição de funções no seio do Partido, colocação sob observação, exclusão do Partido.

Dura dois anos ou mais a observação de um membro. Durante este período, é-se destituído do direito de voto e do direito de eleger e de ser eleito.

Quanto aos membros cuja vontade revolucionária está grandemente enfraquecida e

que não fazem nenhum progresso, a despeito dos esforços repetidos para os educar, pode-se persuadi-los a retirarem-se do Partido.

Quando um membro pede para deixar o Partido, a sua irradiação deve ser confirmada pela assembleia geral da célula que dá informações ao comité do Partido imediatamente superior com vista ao registo.

Os renegados, os agentes secretos, os responsáveis irredutivelmente comprometidos na via capitalista, os elementos degenerados e os elementos estranhos à nossa classe, contra os quais se possuem provas irrecusáveis, serão expulsos do Partido e nunca mais poderão fazer parte dele.

CAPÍTULO III

O PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

Artigo 5

O princípio de organização do Partido é o centralismo democrático.

Os órgãos de direcção, em todos os escalões do Partido, devem ser eleitos por via de consulta democrática, em conformidade com os requisitos para serem os continuadores da causa revolucionária do proletariado e o princípio da tripla união das pessoas velhas, de meia idade e dos jovens.

Todo o Partido deve submeter-se a uma disciplina única: o indivíduo deve submeter-se à organização, a minoria à maioria, o escalão inferior ao escalão superior e todo o Partido ao Comité central.

Os órgãos de direcção, em todos os escalões do Partido, devem dar conta regularmente do seu trabalho aos congressos ou às assembleias gerais dos membros, recolher constantemente, no seio e fora do Partido, a opinião das massas e aceitar o seu controle. Qualquer membro tem o direito de dirigir críticas e sugestões às organizações e aos dirigentes do Partido em todos os escalões. Qual-

quer membro que estiver em desacordo com as resoluções ou instruções das organizações do Partido está autorizado a reservar a sua opinião e tem o direito de se dirigir directamente aos escalões superiores, indo até ao Comité central. É absolutamente proibido abafar a crítica e usar de represálias. É necessário criar uma atmosfera política onde reinem, ao mesmo tempo, o centralismo e a democracia, a disciplina e a liberdade, a unidade de vontade e, para cada um, um estado de espírito feito de satisfação e de alegria.

Artigo 6

O órgão supremo de direcção do Partido é o Congresso Nacional e, no intervalo dos congressos, o Comité central eleito por ele. O órgão de direcção do Partido, a nível local, no exército e nos diferentes departamentos, é o congresso ou a assembleia geral dos membros do escalão correspondente, assim como o comité do Partido saído deles. Os congressos do Partido em todos os escalões são convocados pelos comités do Partido dos escalões correspondentes. A nível local, no exército e nos diferentes departamentos, a convocação dos congressos do Partido e a lista dos membros eleitos dos comités respectivos devem ser submetidos à aprovação das organizações do escalão superior.

Os comités do Partido, nos diferentes escalões, estabelecem gabinetes de trabalho ou delegam em organismos representativos, de acordo com os princípios de ligação estreita com as massas e de administração simplificada.

Artigo 7

Os organismos de Estado, do Exército popular de Libertação e a milícia popular, os

sindicatos operários, as associações dos camponeses pobres e meios pobres, as federações das mulheres, a Liga da juventude comunista, a Guarda vermelha, os Pequenos Guardas vermelhos e as outras organizações revolucionárias de massa devem submeter-se, sem excepção, à direcção única do Partido.

Comités do Partido ou grupos dirigentes do Partido podem ser instituídos nos organismos de Estado e nas organizações populares.

CAPÍTULO IV

A ORGANIZAÇÃO CENTRAL DO PARTIDO

Artigo 8

O Congresso Nacional do Partido é convocado de cinco em cinco anos. Em casos excepcionais, a sua convocação pode ser antecipada ou adiada.

Artigo 9

A sessão plenária do Comité central do Partido elege o gabinete político do Comité central, o comité permanente do gabinete político, assim como o presidente e os vice-presidentes do Comité central.

A sessão plenária do Comité central do Partido é convocada pelo gabinete político do comité central.

No intervalo das sessões plenárias do Comité central, o gabinete político do Comité central e o seu Comité central permanente exercem as funções do Comité central.

Sob a direcção do presidente, dos vice-presidentes e do comité permanente do gabinete político do Comité central, serão estabelecidos os organismos indispensáveis, simples mas eficazes, que regularão, de maneira centralizada, os assuntos correntes do Partido, do governo e do exército.

CAPÍTULO V

A ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO A NÍVEL LOCAL E NO EXÉRCITO

Arigo 10

Os congressos do Partido, a nível local, no escalão distrital e nos superiores, e no Exército popular de Libertação, no escalão de regimento e nos superiores, são convocados de três em três anos. Em casos excepcionais, a sua convocação pode ser antecipada ou adiada.

Os comités do Partido nos diferentes escalões, a nível local e no exército, elegem os seus comités permanentes assim como os secretários e secretários-adjuntos.

CAPÍTULO VI

A ORGANIZAÇÃO DE BASE DO PARTIDO

Artigo 11

Nas fábricas, minas e outras empresas, comunas populares, organismos, escolas, armazéns, organizações de bairro, companhias do Exército popular de Libertação e nas outras unidades de base, serão criadas células, células gerais ou comités de base do Partido, em função das necessidades da luta revolucionária e do número de membros do Partido.

As eleições têm lugar uma vez por ano para os comités de célula e de célula geral do Partido, e de dois em dois anos para os comités de base do Partido. Em casos excepcionais, podem ser antecipadas ou adiadas.

Artigo 12

As tarefas principais das organizações de base do Partido são as seguintes:

1) Dirigir os membros do Partido e os não comunistas no estudo consciencioso do marxismo, do leninismo, do pensamento mao-tsétung e na crítica do revisionismo;

2) Educar constantemente os membros do Partido e os não comunistas em relação à linha ideológica e política, dirigi-los numa luta resoluta contra o inimigo de classe;

3) Propagar e materializar a política do Partido, aplicar as suas resoluções, cumprir as tarefas designadas pelo Partido e pelo Estado;

4) Ligar-se estreitamente às massas, estar constantemente ao corrente das suas opiniões e desejos, desenvolver uma luta ideológica positiva, a fim de que a actividade do Partido seja cheia de dinamismo;

5) Recrutar novos aderentes, aplicar a disciplina do Partido, proceder constantemente à consolidação das organizações do Partido, rejeitar o que está alterado e absorver o novo, a fim de manter a pureza nas fileiras do Partido.

COMUNICADO DE IMPRENSA DO DÉCIMO CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

(Em 29 de Agosto de 1973)

O X Congresso do Partido comunista chinês realizou-se solenemente em Pequim, de 24 a 28 de Agosto. Foi um congresso da unidade, um congresso de vitória, um congresso pleno de dinamismo.

O camarada Mao Tsé-tung, grande dirigente do nosso Partido, presidiu a este Congresso.

A ordem de trabalhos do Congresso foi a seguinte: 1) Apresentação do relatório político pelo camarada Chou En-lai, em nome do Comité central do Partido comunista chinês; 2) Apresentação ao Congresso do relatório sobre a modificação dos Estatutos do Partido e do «Projecto dos Estatutos do Partido comunista chinês» pelo camarada Wang Hong-wen, em nome do Comité central do Partido comunista chinês; 3) Eleição do X Comité central do Partido comunista chinês.

O Congresso foi aberto oficialmente a 24 de Agosto.

Quando o presidente Mao subiu à tribuna, uma tempestade de aclamações rebentou em toda a sala; vibrantes de emoção, os delega-

dos aplaudiram longa e calorosamente, gritando compassadamente: «Viva o nosso grande dirigente, o presidente Mao! Que viva por muito tempo!» O presidente Mao saudava-os cordialmente com a mão.

O Congresso elegeu o presidium, composto por 148 delegados.

O Congresso elegeu, por unanimidade, o presidente Mao, presidente do presidium; os camaradas Chou En-lai, Wang Hong-wen, Kang Cheng, Yé Kien-ying e Li Teh-cheng vice-presidentes do presidium, e o camarada Tchang Tchouen-kiao secretário-geral do presidium.

Na primeira fila da tribuna tomaram lugar igualmente: os camaradas Lieou Po-tcheng, Kiang Tsing, Chu Teh, Hsiu Che-yeou, Tchen Si-lien, Li Sien-nien, Yao Wen-yuan, Tong Pi-wou, Ki Teng-kouei, Wang Tong-hsing, Houa Kouo-feng e Wou Teh.

O X Congresso do Partido comunista chinês realizou-se no momento em que a clique antipartido de Lin Piao foi arrasada, em que a linha do IX Congresso do Partido foi coroada de grandes vitórias e em que uma situação excelente reina tanto no interior como no exterior do país. O Comité central do Partido comunista chinês e os camaradas do Partido fizeram todos os preparativos necessários para que este Congresso tivesse uma importância histórica. Os 1249 delegados foram eleitos na base do recurso a uma larga prática da democracia, que permitiu conduzir, de forma repetida, as deliberações e consultas acerca dos candidatos, e recolher as opiniões das massas, no seio ou fora do Partido, nas regiões ou unidades a que pertencem. Antes da abertura oficial do Congresso, os delegados discutiram com seriedade os esboços ou projectos de diferentes documentos do Congresso. O povo de todo o país, cheio de entusiasmo, acolheu a convocação do X Congresso, com inumeráveis acções concretas.

No dia da abertura oficial do Congresso, os delegados, vindos dos quatro cantos da nossa grande pátria socialista, entraram na sala do Congresso, cheia de solenidade, passando por um hall onde estão pendurados na parede grandes retratos de Marx, Engels, Lenine e Staline. Entre os delegados encontravam-se operários, industriais, camponeses pobres e meios pobres, comandantes e combatentes do Exército popular de Libertação, vindos das regiões fronteiriças da pátria, onde asseguram uma guarda vigilante nos postos avançados da defesa nacional, assim como quadros revolucionários, intelectuais revolucionários e outros trabalhadores. Os operários, camponeses e soldados constituem 67 % do número total de delegados, as mulheres mais de 20 %, e os delegados das nacionalidades irmãs, para além da nacionalidades han, representam igualmente uma certa percentagem. Os delegados da província de Taiwan, território sagrado da nossa pátria, que espera ser libertado, delegados eleitos pelos membros do Partido originários de Taiwan, instalados nas diversas regiões do país, participaram pela primeira vez num congresso do Partido. Mandatados pelos 28 milhões de membros do Partido de todo o país e mensageiros das aspirações de centenas de milhões de homens das nossas diversas nacionalidades, os delegados trabalharam ao lado do nosso grande dirigente, o presidente Mao, num clima de unidade, de dinamismo, de seriedade e de alegria.

Depois de discussões sérias e animadas, o Congresso aprovou, por unanimidade, a 28 de Agosto, o relatório político, apresentado pelo camarada Chou En-lai e o relatório sobre a modificação dos Estatutos do Partido, apresentado pelo camarada Wang Hong-wen, assim como os «Estatutos do Partido Comunista chinês». Os delegados, cheios de alegria, declararam que estes documentos, que se guiam pelo marxismo, pelo leninismo, pelo pen-

samento maotsétung, analisaram a situação excelente, tanto no interior como no exterior do país, consagraram plenamente as grandes vitórias alcançadas nas diversas frentes, à luz da linha do IX Congresso, fizeram o balanço da experiência fundamental adquirida na luta entre as duas linhas, e nomeadamente na luta que esmagou a clique antipartido de Lin Piao, e definiram, de forma ainda mais explícita, a orientação a seguir e as tarefas a cumprir na continuação da revolução sob a ditadura do proletariado. Estes documentos constituem um programa de combate para todo o Partido, todo o Exército e todo o povo.

No fim de amplas deliberações e consultas, o Congresso elegeu, por escrutínio secreto, o X Comité central do Partido comunista chinês. Ao anunciar os resultados da votação, uma trovoada de calorosos aplausos, pontuados de palavras de ordem, rebentou de novo em toda a sala.

A tripla união das pessoas velhas, das pessoas de meia idade e dos jovens encontrou o seu reflexo nos 195 membros e nos 124 membros suplentes do Comité central que foram eleitos. Entre estes figuram revolucionários proletários da velha geração que, durante o período que se seguiu à fundação do Partido, participaram na Primeira e Segunda Guerras civis revolucionárias, quadros dirigentes dos diversos sectores que passaram pelo cadinho da Guerra de Resistência contra o Japão, da Guerra de Libertação e da Guerra de Resistência à Agressão americana e de Ajuda à Coreia, combatentes que, no período da revolução socialista, se distinguiram nos três grandes movimentos revolucionários — a luta de classes, a luta pela produção e experimentação científica — e na luta contra o imperialismo, o revisionismo e a reacção, assim como jovens camaradas que aderiram ao Partido depois da Grande Revolução cultural proletária. Estes delegados velhos, de meia idade e jovens, reunidos, estudaram em comum e encorajaram-se mutuamente. Os delegados declararam, com entusiasmo, que a composição do Comité central saído do X Congresso mostra eloquentemente que o nosso Partido está em pleno progresso, que à sua causa não faltam continuadores e que está firmemente unido na base do marxismo, do leninismo, do pensamento maotsétung.

O Congresso condenou com indignação os crimes da clique antipartido de Lin Piao. Todos os delegados exprimiram o seu firme apoio à resolução do Comité central do Partido comunista chinês sobre a exclusão definitiva do nosso Partido de Lin Piao, esse arrivista burguês, esse conspirador, esse contrarrevolucionário de duas caras, esse renegado e traidor, e sobre a exclusão definitiva do nosso Partido de Tchen Po-ta, membro principal da clique antipartido de Lin Piao, antimarxista kuomitaniano, trotskista, renegado, agente secreto e revisionista, e a sua destituição de todas as funções no seio e fora do Partido. Os delegados aprovaram por unanimidade a solução dada aos casos de outros membros principais da clique antipartido de Lin Piao, apresentada pelo Comité central do Partido comunista chinês, assim como todas as medidas tomadas acerca deste assunto.

O X Congresso do Partido comunista chinês apela para que todo o Partido, todo o Exército e todo o povo estudem conscienciosamente e materializem os seus diversos documentos, perseverem na continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, se atenham aos princípios fundamentais seguintes: **«praticar o marxismo e não o revisionismo, trabalhar para a unidade e não para a cisão; fazer voto de franqueza e de justiça, e não tramar complots e intrigas»**, e a **unirem-se para alcançar vitórias ainda maiores!»**

O Congresso sublinhou que na hora actual, devemos continuar a colocar em primeiro

plano o movimento de crítica a Lin Piao e de rectificação do estilo de trabalho. Devemos tirar partido completo deste exercício pelo exemplo negativo que é a clique antipartido de Lin Piao, para prosseguir, em todo o Partido, em todo o Exército e entre o povo de todo o país, a educação no que diz respeito à luta de classes e à luta entre as duas linhas; devemos estudar o marxismo, o leninismo, o pensamento maotsétung e criticar o revisionismo, assim como a concepção burguesa do mundo. Devemos continuar a assegurar o bom desenvolvimento da luta-crítica-reforma ao nível da superestrutura, compreendendo os diversos sectores da cultura, redobrar de esforços para fazer a revolução, promover a produção, melhorar o nosso trabalho, preparar-nos activamente em previsão de uma guerra a cumprir ainda melhor as nossas tarefas em todos os domínios. Devemos, de acordo com a linha política e com os novos Estatutos do Partido, adoptados pelo X Congresso, fazer do nosso Partido um partido mais firme e ainda mais dinâmico, que dirigirá o povo de todas as nossas nacionalidades e unirá todas as forças susceptíveis de serem unidas, de modo a consolidar cada vez mais a ditadura do proletariado.

O Congresso fez notar que, no presente, a situação internacional é caracterizada por grandes desordens no mundo. Estas desordens são um bem e não um mal e continuam a evoluir a favor dos povos dos diferentes países e em detrimento do imperialismo, do revisionismo moderno e da reacção, em toda a parte. É preciso continuarmos indefectivelmente fiéis ao internacionalismo proletário e à política consequente do Partido, unirmo-nos mais estreitamente com o proletariado, com os povos e nações oprimidas do mundo, com todos os países vítimas da agressão, da subversão, da intervenção, do controle e dos vexames do imperialismo para formar a frente

unida mais ampla contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo, em particular contra a hegemonia das duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética. Devemos unir-nos com todos os partidos e grupos marxistas-leninistas autênticos do mundo, para conduzir até ao fim a luta contra o revisionismo moderno. O Congresso apela para a classe operária, para os camponeses pobres e meios pobres, para os comandantes e combatentes do Exército popular de Libertação, assim como para o povo de todas as nossas nacionalidades, para reforçar, sem desfalecimento, os preparativos para resistir a uma guerra de agressão, a pôr-se em guarda contra o rebentamento de uma guerra mundial imperialista, em particular contra o ataque surpresa por parte do social imperialismo, a fim de aniquilar resolutamente, radicalmente, integralmente, totalmente qualquer inimigo que tenha a ideia de atacar o nosso país!

Viva o grande, glorioso e justo Partido comunista chinês!

Viva o X Congresso do Partido, congresso da unidade e da vitória!

Viva o marxismo, o leninismo, o pensamento maotsétung!

Viva o nosso grande dirigente, o presidente Mao! Que viva por muito tempo!

ÍNDICE

Sobre o Trabalho de Propaganda 9
O Décimo Congresso do Partido Comunista Chinês 33
— Relatório ao Décimo Congresso do Partido Comunista Chinês 35
— Relatório sobre a Modificação dos Estatutos do Partido 63
— Estatutos do Partido Comunista Chinês 77
— Comunicado de Imprensa do Décimo Congresso do Partido Comunista Chinês 97

Este livro foi composto e impresso
na Tip. Garcia & Carvalho, Lda.
em Março de 1974
para
Edições Maria da Fonte